



# atos

## do conselho geral

ano LXXX abril-junho 1999

Nº 367

**Órgão oficial  
de animação  
e de comunicação  
para a  
Congregação Salesiana**

**ROMA  
DIREÇÃO GERAL  
OBRAS DE DOM BOSCO**



# atos

## do Conselho Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

### Nº 367 ano LXXX abril-junho 1999

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1. P. Juan E. VECCHI ENVIADOS PARA ANUNCIAR AOS POBRES UMA ALEGRE MENSAGEM	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1. Reitor-Mor Celebração salesiana do Jubileu	46
	2.2. Ecônomo Geral Algumas orientações operativas sobre a prática da pobreza	49
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	<i>Não constam neste número</i>	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor	58
	4.2. Crônica do Conselho Geral	66
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Mártires da nossa Família	72
	5.2. Jornadas de Espiritualidade da Família Salesiana (XXI encontro)	72
	5.3. Reconhecimento de pertença à Família Salesiana do Grupo "Testemunhas do Ressuscitado a caminho do ano 2000" (TR 2000)	75
	5.4. Decreto de ereção canônica da Inspetoria "São Francisco de Sales" da França	81
	5.5. Novos Inspectores	84
	5.6. Novo Bispo Salesiano	89
	5.7. Estatísticas do pessoal salesiano em 31.12.1998	91
	5.8. Irmãos falecidos	94

Tradução: *P. José Antenor Velho*

**SALESIANAS**

**Editora Salesiana Dom Bosco**

Rua Dom Bosco, 441

03105-020 — São Paulo - SP

Fone: (011) 3277-3211 • Fax: (011) 279-0329

Fax/Vendas: (011) 279-4084

Telex: (011) 32 431 ESPS BR

E-mail: [sdbmooca@salesianos.org.br](mailto:sdbmooca@salesianos.org.br)

Home page: <http://www.salesianos.org.br>

## Enviados para anunciar aos pobres uma alegre mensagem<sup>1</sup>.

**1. A nossa pobreza:** Liberdade e desapego – Investir na comunidade – Sinal da missão salesiana – Trabalho e temperança – Administrar com sabedoria. **2. Os desafios atuais:** O mundo dividido – O dinheiro – A complexidade administrativa – A gestão individual. **3. Os ícones da pobreza salesiana:** Discípulo: aquele que segue Jesus – Uma alegre mensagem aos pobres – Os primeiros cristãos – A pobreza de Dom Bosco. **4. Algumas indicações para o momento atual** – Responsabilidade atenta – Destinação apostólica dos bens – Solidariedade – Educar ao uso dos bens – Amar os pobres em Cristo. **Conclusão.**

*Roma, 25 de março de 1999*  
*Anunciação a Maria*

Queridos Irmãos,

Chegue a cada um de vós os meus cumprimentos pascais: o Senhor vos encha novamente da alegria e da energia da sua Ressurreição.

Iniciamos em fevereiro as *visitas de conjunto*, que caracterizarão o último ano do milênio. Reuniram-se em Nairóbi os Superiores e Conselhos das circunscrições de língua inglesa da África para verificar a realização do CG24 e, no contexto, também o caminho de evangelização que as nossas comunidades vêm percorrendo.

Esta e as demais treze visitas de conjunto acontecem depois que o Reitor-Mor, com o Conselho Geral, pôde constatar o esforço sistemático, feito pelas Inspetorias em seus Capítulos Inspetoriais, para reavivar o modelo

<sup>1</sup> cf. Lc 4,18

pastoral, já conhecido e aceito como o que melhor corresponde à situação eclesial e ao estado das nossas forças.

Retorna, em cada revisão, a convicção expressa pelo CG24: «A profissão dos conselhos evangélicos, além de ser expressão da seqüela de Cristo, tem uma carga pedagógica de crescimento humano e é paradigma de uma nova humanidade»<sup>2</sup>.

Pareceu-me oportuno, então, continuar a reflexão sobre os conselhos, propondo-vos, depois da reflexão sobre a castidade, uma outra sobre a nossa pobreza. Leva-me a fazê-lo, também, a programação do sexênio, em que nos propusemos a «promover o testemunho de consagração e comunhão das comunidades» e «fazer emergir e testemunhar na vida cotidiana o valor educativo da consagração religiosa»<sup>3</sup>.

Enquanto amadurecia os pontos a propor-vos, interrogava-me sobre os principais objetivos da reflexão e as exigências a serem sublinhadas, em vista do momento que todos vivemos e da diversidade de contextos em que as Inspetorias atuam. Concluí que as finalidades da minha carta podiam ser: suscitar a atenção sobre este aspecto da nossa vida consagrada, ao redor do qual se movem hoje muitas sensibilidades eclesiais e seculares, e se apostam o testemunho e a fecundidade vocacional; recordar os principais traços da pobreza em conformidade com o nosso carisma; propor o discernimento diante das novidades que se vão apresentando em nosso costume e práxis; e, por último, oferecer algumas orientações para responder aos novos desafios.

<sup>2</sup> CG24, 152

<sup>3</sup> ACG 358 *suplemento*, pág. 16, nn. 32 e 34

Imagino que fareis, em comunidade, uma leitura criativa do texto, deixando-vos estimular por ele para o aprofundamento da vivência e a aceitação generosa das exigências evangélicas.

## **1. A NOSSA POBREZA**

A pobreza tem a ver com as coisas e o dinheiro. E, em igual medida, com o coração e o espírito. Nela, a nossa relação com Deus e com os irmãos passa através da ligação que estabelecemos com os bens, materiais e espirituais: o uso, as preferências, a orientação daquilo que nos pertence ou consideramos nosso.

Nada de estranho que num projeto de vida, vivido e longamente meditado, como o oferecido pelas nossas Constituições, sejam encontrados, ao lado de estimulantes inspirações evangélicas, também orientações precisas sobre o modo de praticar a pobreza como aprendemos de Dom Bosco.

Cada orientação e o seu conjunto são indispensáveis para pensar novas expressões da nossa pobreza no contexto atual.

De fato, não só relacionam a pobreza à tradição espiritual desenvolvida no tempo, mas colocam-na harmoniosamente na unidade vital do carisma.

Fundamento do nosso empenho de pobreza é a seqüela e a conformação a Cristo, Bom Pastor. Horizontes para determinar suas expressões cotidianas são a missão e a comunidade. A essas referências reconduzem as inspirações evangélicas, referem-se as atitudes interiores sugeridas, buscam-se orientações práticas.

## Liberdade e desapego

Desapego do coração<sup>4</sup> vivido no dia-a-dia<sup>5</sup>, libertação da preocupação e do afã<sup>6</sup>, dizem-nos as Constituições; descobrimos, no encontro com Jesus e em sua pessoa, bens infinitamente superiores aos temporais, que também têm o seu valor. Esse é o sentido primeiro da nossa pobreza. Ela resulta um negócio vantajoso para nós, como a venda das próprias coisas para adquirir o tesouro desejado<sup>7</sup>, no sentido expresso por São Paulo: «Considero tudo isso uma perda em comparação com a sublime vantagem de conhecer a Cristo Jesus, meu Senhor»<sup>8</sup>.

Não pareça, esta, uma meditação espiritual, que comporte só num segundo momento critérios práticos de avaliação e comportamentos. Ao contrário, é a primeira decisão, capaz de dar uma direção a toda a experiência pessoal: intuição, iluminação, desejo, apetência pelos bens aos quais o coração humano é atraído e a convicção de poder encontrá-los em Cristo: «Renunciei a estas coisas para ganhar a Cristo... a fim de conhecer a ele e o poder da sua ressurreição»<sup>9</sup>.

O desapego, porque os bens temporais estão abaixo do nosso desejo e porque descobrimos outros que lhes são superiores, aplica-se aos afetos, à saúde, à liberdade individual, ao poder, à própria preparação cultural, à suficiência da nossa inteligência, aos meios materiais, à nossa vontade e às nossas decisões. Nesse sentido, a

<sup>4</sup> C 73

<sup>5</sup> C 75

<sup>6</sup> C 72

<sup>7</sup> cf. Mt 13,44-45

<sup>8</sup> Fl 3,8

<sup>9</sup> Fl 3,8-10

pobreza converge e confunde-se com a obediência, como necessidade de mediações para buscar a vontade de Deus, e com a castidade, como necessidade de um amor sob medida para o nosso vazio.

«A pobreza, é preciso tê-la no coração»<sup>10</sup>, dizia Dom Bosco. Muitas atitudes externas, discordantes em relação à profissão de pobreza, são manifestações da falta de liberdade interior, da ausência de um código para avaliar a qualidade dos bens, das ancoragens não confiáveis, também do ponto de vista humano. Compreendamos que o “pobre” na Escritura representa não só quem se limita no uso dos bens materiais, mas quem entrou no mistério da existência humana, necessitada do infinito de Deus. Essa é uma perspectiva que não deve ser descuidada no tempo de formação. É preciso avaliar a qualidade do coração a partir dos “tesouros” aos quais ele se apega<sup>11</sup>.

## **Investir na comunidade**

«Pomos em comum os bens materiais: os frutos do nosso trabalho, os presentes recebidos e o que percebemos por aposentadoria, subsídios e seguros. Oferecemos ainda os nossos talentos, nossas energias e experiências. Na comunidade o bem de cada um torna-se o bem de todos»<sup>12</sup>.

O desapego é condição para um investimento frutífero. Mais do que renunciar aos bens, nós os confiamos ao dinamismo multiplicador da comunhão.

<sup>10</sup> MB V, 670

<sup>11</sup> cf. Mt 6,21

<sup>12</sup> C 76

Trata-se de uma comunhão em sentido pleno, que se refere primeiramente aos bens a serem compartilhados. A enumeração apresentada pelo artigo das Constituições é ampla, mas é apenas um exemplo do que a pessoa pode pôr à disposição dos outros.

O valor sem limites da comunhão refere-se também aos sujeitos: compreende, de fato, todos os homens. A pobreza torna-se visível no amor pessoal a cada um e a todos os irmãos da comunidade religiosa, a ponto de as duas realidades resultarem inseparáveis e interdependentes. São Francisco de Sales di-lo de forma direta e simples: «Ser pobre significa viver em comunidade»<sup>13</sup>. Dar e receber, conforme a gratuidade e o reconhecimento, compartilhar totalmente dons e recursos materiais, intelectuais e espirituais constitui a sua prática cotidiana.

A comunhão alarga-se além da comunidade religiosa imediata: às «necessidades de toda a Congregação, da Igreja e do mundo»<sup>14</sup>.

Essa atitude torna-se critério para a destinação dos bens que a Providência coloca à nossa disposição. Não entendemos ter satisfeito o compromisso de pobreza quando, dispondo de recursos, provimos às nossas necessidades internas. A pobreza leva-nos «a ser solidários com os pobres e a amá-los em Cristo»<sup>15</sup>. Neles, vemos a imagem de Cristo que entrou, com a Encarnação, nas malhas da condição humana marcada pelo sofrimento, pela privação, pela miséria. Neles, portanto, esperamos a graça da presença e do encontro com o Senhor.

A solidariedade com os pobres gera atitudes de

<sup>13</sup> *Oeuvres de St. François de Sales*, Ed. Annecy, vol. IX, pág. 229

<sup>14</sup> C 76

<sup>15</sup> C 79

partilha: presença física, antes de tudo, onde pobreza significa degrado, insuficiência de condições essenciais, carências educativas, ausência de perspectivas. E com a presença, também a partilha das condições de vida, a participação no esforço para sair delas.

A visão global da Congregação traz-nos conforto na constatação de que os Salesianos trabalham, em todos os continentes, com coragem e determinação em vista de contextos marcados pela miséria e procuram entrar em comunhão com os pobres.

### **Sinal da missão salesiana**

A presença entre os pobres e a partilha dos bens com eles já são um testemunho de pobreza evangélica. A nossa pobreza, contudo, tende a exprimir-se no serviço concreto. Colocamos em ação estratégias e iniciativas para evangelizar e ajudar as pessoas, especialmente os jovens, a superarem as condições de indigência econômica, afetiva ou espiritual.

Descobrimos na figura carismática de Dom Bosco, que a profissão da pobreza, além de ser condição para viver autenticamente em comunidades evangélicas, é um critério e uma modalidade privilegiada para realizar plenamente a nossa missão.

O “desapego do coração”<sup>16</sup> orienta-se ao “generoso serviço aos irmãos”<sup>17</sup>; a renúncia a qualquer bem terreno<sup>18</sup> garante “o espírito empreendedor na participação da missão da Igreja em seu esforço pela justiça e pela paz, especialmente com a educação dos necessitados”<sup>19</sup>.

<sup>16</sup> C 73

<sup>17</sup> ib.

<sup>18</sup> cf. ib.

<sup>19</sup> cf. ib.

Trata-se, como se vê, de dois elementos estritamente relacionados: os recursos de que dispomos, materiais e espirituais, pessoais e comunitários, são generosamente destinados à realização do mandato de alcançar o maior número de jovens e torná-los conscientes da própria condição de filhos de Deus em Cristo.

Empenhamo-nos, por isso, em muitas frentes, sempre com intenção educativa, dando vida a projetos de promoção humana para os quais utilizamos estruturas adequadas, aceitamos e buscamos meios, apoio e dinheiro. O espírito empreendedor de Dom Bosco nesse sentido passou aos seus filhos. Também hoje pedimos ajuda, orientando à caridade aqueles que têm a possibilidade de oferecê-la; pomos em ligação fileiras de benfeitores para socorrer quem passa por necessidade; estendemos a mão aos pobres. Isso suscita consensos, muitas vezes colaborações inesperadas e, quem sabe, alguma crítica ou estereótipo nem sempre benévolo.

A caridade pastoral de Dom Bosco insta-nos a pedir e a agradecer com reconhecimento, conscientes de que «tudo que temos não é nosso, mas dos pobres»<sup>20</sup>. O seu testemunho límpido de pobreza pessoal deve ser unido à determinação, levada até à temeridade, de servir a juventude, principalmente pobre, com os instrumentos mais atualizados e eficazes.

A nossa pobreza, escolhida pelo Reino, condição para a missão tem, esperamo-lo, uma incidência social inerente à tarefa educativa. Formando os jovens e interagindo no contexto entendemos trabalhar por uma sociedade que leve em maior consideração o bem comum, respeite o valor de cada pessoa, seja construída sobre

<sup>20</sup> C 79; cf. MB V, 682

critérios de justiça e equidade e se preocupe com aqueles que são fracos ou prejudicados.

Este propósito determina a escolha dos lugares, conteúdos e formas de educação, e orienta o emprego de capitais e meios segundo os vários contextos socioculturais.

## **Trabalho e temperança**

Aquilo que procuramos esclarecer acima, leva a viver a pobreza cotidiana com o trabalho inteligente e assíduo, apoiado e tornado possível pela temperança. «Na operosidade cotidiana associamo-nos aos pobres que vivem do próprio suor e testemunhamos o valor humano e cristão do trabalho»<sup>21</sup>.

A correlação entre pobreza e trabalho deve ser buscada na espiritualidade da ação apostólica, entendida como “trabalhar” incansavelmente pelo Reino. Dom Bosco viveu-a alegremente na fé. Cada salesiano é convidado a desenvolver e fazer frutificar os próprios talentos, a ocupar rigorosamente o tempo e a viver do próprio trabalho.

“Ganhando o próprio pão” compartilhamos, dessa forma, da sorte de quem pode confiar apenas no próprio trabalho para viver e manter os próprios caros, e exprimimos o valor social da nossa pobreza. Além disso, o apreço pelo trabalho, como expressão das capacidades do homem e instrumento privilegiado de realização humana, não exclusivamente finalizado ao lucro, torna-se testemunho e mensagem educativa.

<sup>21</sup> C 78

Percebe-se facilmente a relevância que o *trabalho* tem em nossa fisionomia espiritual por um conjunto de fatos, reais e simbólicos: a raiz camponesa e as primeiras experiências de Dom Bosco, os protagonistas e o teor de vida nas origens, a camada trabalhadora à qual dedicamos os nossos cuidados preferenciais.

O trabalho é o conteúdo principal da formação dos jovens nas escolas profissionais e técnicas; é a característica, não exclusiva, mas certamente emergente, do irmão coadjutor; é a nossa forma de inserção na sociedade e na cultura. Dá o traço fundamental do salesiano: o salesiano é um trabalhador. O P. Cagliero dizia com uma expressão forte. «Quem não sabe trabalhar, não é salesiano»<sup>22</sup>.

Dois dados servem como síntese: a colocação do trabalho no brasão da Congregação e as recomendações de Dom Bosco trazidas pelo P. Cagliero, ao sublinhar que em dezembro de 1887 Dom Bosco «recomendou duas vezes o trabalho para os Salesianos, repetindo: trabalho, trabalho!»<sup>23</sup>.

Alguns esclarecimentos, porém, não são supérfluos. O trabalho para Dom Bosco não é qualquer atividade, mesmo cansativa, mas a dedicação à missão com todas as capacidades e em tempo integral. Não compreende apenas o trabalho manual, mas também o intelectual e apostólico. Trabalha quem escreve, quem confessa, quem prega, quem estuda, quem organiza a casa: trata-se de trabalhar pelas almas.

<sup>22</sup> MB XIX, 157. Palavras citadas pelo Papa Pio XI em 3 de junho de 1929. Em 1933, o Papa dizia ainda: «Não aparece bem nas fileiras salesianas quem não é trabalhador; o trabalho é o distintivo, a carteira de identidade deste exército providencial» (MB XIX, 235)

<sup>23</sup> MB XVIII, 477

O nosso trabalho caracteriza-se pela obediência, pela caridade pastoral, pela reta intenção e pelo sentido comunitário. Não, portanto, puro movimento, mas finalidade, opção, ordenamento sábio das ações. É preciso acrescentar que na palavra “trabalho” há uma referência à habilidade manual e prática. O Salesiano aprende a trabalhar com as mãos, e encontra-se bem, mesmo fazendo trabalhos “humildes”, domésticos, materiais.

A caridade pastoral, que orienta o trabalho, pode manifestar-se em impulsos espontâneos e generosos. Mais comum, porém, é que se deva empenhar longamente numa obra paciente e cotidiana para fazer as pessoas crescerem e as comunidades serem animadas. Mais do que uma simples atitude de bondade ou um gesto de simpatia, é uma práxis: uma forma constante de agir com competência em determinado âmbito, à semelhança da prática política, social, médica. Todas elas comportam uma ação coerente, constante, pensada, visada e melhorada. É esse o trabalho que acaba por modelar a fisionomia espiritual da pessoa.

Trabalho quer dizer, então, aquisição e desenvolvimento da preparação profissional específica, exigida pela caridade apostólica, pelo que aprendemos e nos aperfeiçoamos em motivar, instruir, animar, santificar. Somos capazes de entender um contexto, elaborar e realizar um projeto que responde às suas urgências, quando levamos em conta também o elemento imponderável que sempre existe no trabalho pastoral.

O trabalho compreende o esforço de criatividade educativa, aquela atitude mental e prática que leva a encontrar soluções originais para problemas e situações novas. Dom Bosco concebeu um projeto para os meninos

de rua enquanto as paróquias continuavam com o catecismo “regular”. Logo depois, quando percebeu que os rapazes não estavam preparados para o trabalho nem protegidos neles, pensou numa solução “pequena” e “caseira” que cresceu em seguida: os contratos, as oficinas, as escolas profissionais. E assim para outras necessidades, como a casa, a instrução. Essa é a imagem de Dom Bosco “no trabalho”.

O trabalho deve estar unido à *temperança*. Este, de fato, não é agitação. É profissionalismo, dedicação, ordem, sem perda de tempo ou energia, em vista dos objetivos da missão. Essa exigência não pode ser conjugada senão com um estilo de vida que se caracteriza pela sobriedade, dedicação, ousaria dizer austeridade. Os dois aspectos são complementares e sugerem-nos a atenção de fundi-los de acordo com a graça de unidade.

A temperança está ligada à dimensão penitencial, essencial à maturidade cristã. Sem ela é impossível tanto o início como o caminho ulterior de conversão: ela consiste em assumir alguma coisa e deixar muitas outras, optar e cortar, destruir coisas ou hábitos velhos ou inúteis e deixar-se reconstruir.

Cada Instituto possui uma tradição ascética coerente com o próprio estilo espiritual. No nosso, a fórmula que a resume é *coetera tolle*: deixa o resto, orienta o resto para o objetivo primário, isto é, para o *da mihi animas*, para a possibilidade de viver interiormente e exprimir o amor aos jovens, tirando-os das situações que os impedem de viver. É justamente o *coetera tolle* que tem sua expressão cotidiana na temperança salesiana.

Digo *salesiana*, porque em nossa história e em nossos textos ela carregou-se de algumas referências muito características.

A temperança é a virtude cardeal que modera os impulsos, as palavras e as ações, de acordo com a razão e as exigências da vida cristã. Ao seu redor movem-se a continência, a humildade, a sobriedade, a simplicidade, a austeridade. No sistema preventivo, essas mesmas realidades estão incluídas na racionalidade. Suas manifestações na vida cotidiana são o equilíbrio ou a medida em tudo, uma conveniente disciplina, a capacidade de colaboração, a calma interior e exterior, o relacionamento sereno e influente com todos, mas especialmente com os jovens.

Temperança é um “estado atlético”, do ponto de vista espiritual e apostólico, pronto a qualquer solicitação em favor dos jovens; é tornar-se e manter-se livres de ligações muito condicionantes, do peso dos gostos e exigências pessoais que criam dependências: «Todo atleta priva-se de tudo para ter uma coroa que se acaba; e nós, para ter uma que dura para sempre»<sup>24</sup>.

A temperança é aplicada ao trabalho: ela é a ordem pela qual as ações têm uma motivação em suas finalidades e uma hierarquia; dominam-se e tornam-se adequadas tanto as ambições pessoais como as ambições “apostólicas”; exige-se dos outros o que pode ser exigido e não o que é excessivo ou serviria apenas para a nossa comodidade; faz com que o trabalho não elimine a oração nem as relações fraternas. É preciso ser temperantes no movimento, nas saídas, na busca de dinheiro, na vontade de concluir alguma coisa para come-

<sup>24</sup> 1Cor 9,25

çar outra; na posse do próprio agir, para que não acabe por prender-nos como numa engrenagem.

A temperança aplica-se também à vida fraterna: sem ela não é possível uma boa relação comunitária<sup>25</sup>. O amor fraterno implica domínio de si, esforço de atenção, controle dos sentimentos espontâneos, superação dos conflitos, compreensão dos sofrimentos alheios: é tudo um exercício para sair de si mesmos e mudar a própria orientação. Para nós, há também o esforço de demonstrá-lo de forma compreensível: um afeto que sabe provocar correspondência pelo bem do outro.

A temperança, enfim, aplica-se ao estilo de vida pessoal: relações comedidas à missão; posse e uso dos bens de consumo (máquinas, utensílios, aparelhos); tempo de distensão e férias; interioridade vigiada e purificada.

Isso tudo pode parecer muito ordinário, como dimensão ascética e como prática da pobreza evangélica, quase alegre diante da seriedade do apelo à radicalidade. Dom Bosco expressou essa aparente contradição com o sonho do caramanchão de rosas, que o CG24 quis nos recordar<sup>26</sup> justamente como conclusão da proposta do nosso trabalho atual de animação e espiritualidade. Os Salesianos/as caminham sobre pétalas. Todos crêem-nos “alegres”. Eles, de fato, são “felizes”. Espicaçados pelos espinhos, não perdem a alegria. Também isso é temperança: simplicidade, semblante alegre, sem cenas. Corresponde ao conselho evangélico: quando fizerdes jejum, não mostreis um semblante abatido, mas perfumai a cabeça e lavai o rosto<sup>27</sup>.

<sup>25</sup> cf. C 90

<sup>26</sup> cf. CG24, 187-188

<sup>27</sup> cf. Mt 6,16-17

Este estilo de vida, feito de trabalho e temperança, refere-se à própria comunidade, como bem sublinha o art. 77 das Constituições: «Cada comunidade permanece atenta às condições do ambiente em que vive e testemunha a sua pobreza com uma vida simples, frugal, em habitações modestas. As estruturas materiais inspirem-se em critérios de simplicidade e funcionalidade»<sup>28</sup>.

O delicado ponto das estruturas segue dois critérios correlativos: de serviço generoso aos jovens mais necessitados e de simplicidade. A atenção constante em conjugar os dois critérios, com equilibrado discernimento nas sedes oportunas, consente que as comunidades estejam livres de estreitezas mentais quanto aos projetos e, ao mesmo tempo, críveis no testemunho dos valores evangélicos que estão à base da vida consagrada e da própria evangelização.

Recordemos, porém, que a credibilidade da comunidade está relacionada com o testemunho de cada irmão em particular. A aceitação pessoal da pobreza, prometida solenemente com voto, não pode explicitar-se a não ser com um teor de vida que se refira a âmbitos e atitudes concretas como, por exemplo, alimentação, instrumentos de trabalho, mobiliário, férias, meios de transporte. Submeter-se ao discernimento da comunidade, também através da dependência a um superior, faz parte da opção evangélica, impede a prática da pobreza retalhada em critérios individuais e protege do inclinar-se sobre seguranças e garantias oferecidas pela instituição.

O programa para o indivíduo é indicado com estas palavras. «Cada salesiano pratica a sua pobreza com a

<sup>28</sup> C 77

sobriedade no alimento e na bebida, simplicidade da roupa, o uso moderado das férias e divertimentos. Arruma seu quarto modestamente, evitando fazer dele um refúgio que o mantém afastado da comunidade e dos jovens. Está atento a não se deixar prender por nenhum hábito contrário ao espírito de pobreza...»<sup>29</sup>.

### **Administrar com sabedoria**

Pelas características enunciadas acima, a nossa pobreza inclui a boa administração dos bens: exata, cautelosa no prever, sábia no dispor, transparente e comunitariamente co-responsável. A práxis salesiana tende a garantir uma gestão prudente e, ao mesmo tempo, um testemunho compreensível aos contemporâneos.

A unidade de governo, a destinação apostólica e a solidariedade entre irmãos, casas, Inspetorias e Congregação são os princípios que presidem a nossa economia e a conseqüente administração dos bens.

A função da economia é instrumental, subalterna às finalidades da nossa consagração. É regulada, porém, por leis e instrumentos específicos que não podem ser descuidados sem dano para as mesmas finalidades apostólicas, e que entraram, por isso mesmo, nas normas da Igreja e dos Institutos de vida consagrada.

Sem adentrar-me em particulares técnicos, que requerem um tratado *a se*, sublinho que fazem parte do espírito de pobreza a transparência administrativa através da cuidadosa prestação de contas das despesas, da referência fraterna e confiante a quem tem a responsabilidade da administração e do pedido das autorizações previstas pelas Constituições e Regulamentos.

<sup>29</sup> R 55

## 2. OS DESAFIOS ATUAIS

Se confrontarmos o quadro traçado acima, com as tendências do costume em que vivemos imersos hoje, percebemos quase uma ruptura, e sentimos então a urgência de verificar a nossa vivência e o nosso testemunho de pobreza.

**O mundo é marcado e dividido pela posse dos bens.** A opulência de uma porção restrita do globo contrapõe-se à maioria dos povos e pessoas que vivem na indigência e na miséria. Caminha-se com velocidades diversas na estrada do desenvolvimento. A distância vai-se alargando e não se entrevê melhorias quanto aos princípios que regulam a economia. Pelo contrário, algumas nações, depois de um período efêmero de relativo bem-estar, parecem recair em situações de indigência invencível e desesperada, sobrecarregadas por enormes dívidas em relação aos países ricos.

As sociedades do bem-estar tendem a criar sempre novas necessidades e podem gerar também em nós uma mentalidade consumista, que tende para o lado das comodidades e de um nível de vida burguesa e acomodada. Essa mentalidade pode chegar a um perigoso conformismo que esvazia gradualmente o voto de pobreza do seu valor espiritual, da sua visibilidade social e do seu impacto profético.

Nos contextos mais pobres, não faltam para nós Salesianos uma casa, os meios de subsistência e os instrumentos para realizar adequadamente a nossa missão. Além de agradecer à Providência, impõe-se um discernimento corajoso para individuar formas adequadas de testemunho, partilha e serviço. De fato, a excessiva

disponibilidade de meios e estruturas, além de estar em contraste com os valores evangélicos, pode situar-nos num nível de vida muito mais opulento da situação sócio-econômica do contexto em que nos inserimos e do teor de vida dos nossos destinatários.

Outro elemento que vai influenciando a nossa vida é a **relevância do valor econômico** na mentalidade coletiva e individual e, simultaneamente, a importância do **dinheiro** no sistema econômico e social. O trabalho perde o seu valor como traço de identidade, fonte de sustento e sinal de dignidade pessoal. João Paulo II sublinhou-o freqüentemente em suas cartas sociais. O dinheiro torna-se sempre mais determinante para empreender, realizar e conservar. Converte-se, por sua vez, na principal fonte de lucro e riqueza. Fala-se de uma “financeirização” não só da economia, mas do pensamento e da linguagem.

A maior abundância e circulação de dinheiro nos países ricos tem permitido uma ágil e crescente solidariedade por parte de indivíduos, grupos, instituições políticas e organizações humanitárias, expressa freqüentemente, e de forma generalizada, em favor de situações dramáticas como a fome, as epidemias, os refugiados. Através da universal simpatia pela figura de Dom Bosco e a vivacidade de muitas presenças salesianas junto aos jovens e ao povo, a Providência faz chegar os meios necessários para a nossa missão nos vários continentes. É comovente constatar quantos benfeitores acompanham com amor e com ofertas tangíveis as obras salesianas no mundo, as novas fronteiras juvenis e o grande impulso missionário dos últimos decênios. Mui-

tas ofertas provêm de gente simples, nem sempre ricas, que regularmente, e às vezes também com sacrifício, dá generosamente a própria contribuição para nos encorajar e sustentar.

Sublinhe-se a **complexidade** que reveste a gestão e o apoio econômico das nossas obras. As estruturas em que trabalhamos e que, muitas vezes, construímos com o nosso esforço, com a ajuda de pessoas generosas e de instituições humanitárias, têm elevados custos de administração e manutenção, e encargos não leves diante das administrações regionais ou estatais. Muitas de nossas atividades educativas têm, às vezes, uma feição comercial e, como tais, são sujeitas às imposições fiscais das várias legislações. A presença sempre mais consistente de leigos, nos vários níveis, exige de nós em relação a eles, uma justa retribuição, normalmente regulada por contratos, segundo normativas muito precisas e vinculantes.

Todos esses aspectos, além de complicar notavelmente a tarefa dos responsáveis diretos e empenhar frequentemente consultorias estáveis e qualificadas, exigem da nossa parte a possibilidade de dispor de quantidades ingentes de dinheiro, sem as quais seríamos impedidos em nossa própria missão.

Acrescentemos a tudo isso o impulso atual à **gestão autônoma** da própria vida, que leva a formas individualistas em sua organização.

Apela-se sempre mais, num contexto de abundância e individualismo, ao respeito devido à pessoa, ao espaço de responsabilidades que é preciso reconhecer. Esse

apelo não é, sem razão ou necessariamente, negativo. Se desembocasse, porém, numa disponibilidade indiscriminada de confortos pessoais, de instrumentos de trabalho e de dinheiro, sem um discernimento vigilante, desgastaria a carga carismática da nossa consagração e enfraqueceria a incidência da nossa missão entre os jovens.

É justo, pois, perguntar-se: como conciliar tudo isso com as exigências do voto de pobreza, como não dispor de fundos próprios, depender de avaliação alheia para nossas múltiplas necessidades pessoais e para as necessidades do trabalho e da missão? Como, por outro lado, evitar o risco de professar publicamente a pobreza evangélica segundo o carisma salesiano e, depois, na prática, com opções conscientes e atitudes induzidas, interpretar de maneira individual o conteúdo de um voto de significado comunitário objetivo?

### **3. OS ÍCONES DA POBREZA SALESIANA**

São muitos os caminhos através dos quais a Bíblia, desde o Antigo Testamento, relaciona a experiência de Deus e a felicidade humana à atitude realista, respeitosa da verdade consigo mesmo e com os bens. Essa atitude é personificada pelos “pobres” de Iahweh.

As Constituições selecionaram algumas imagens para aprofundar o significado inexaurível da pobreza evangélica e orientar-nos a expressões renovadas.

#### **Discípulo: aquele que segue Jesus**

Ao jovem que lhe pergunta sobre a vida eterna,

Jesus responde: «Vai, vende o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me»<sup>30</sup>.

A narração, colocada como título inspirador do texto constitucional, desenvolve temáticas que interessam particularmente hoje: o caráter paradoxal da pobreza religiosa, a necessidade do dom do Espírito para assumi-la, a felicidade de quem a adota, a possibilidade de vivê-la, comprovada pela experiência daqueles que se entregaram a Jesus.

A sucessão premente dos verbos dá idéia da urgência com que se deve tomar a decisão e do que nela está envolvido: plenitude de vida (“se queres ser perfeito”); relação libertadora ou escravizante com os bens materiais (“vende o que tens”); espaço ocupado pelo amor na existência (“dá aos pobres”); os bens autênticos a serem buscados (“terás um tesouro”); a possibilidade de compartilhar a vida com Jesus (“vem e segue-me”).

“Vai...” e “vem”, no início e no final do conselho, exprimem o caminho que vai do viver centrado nas próprias coisas, do habitar em si mesmo como que fechado e distante, à intimidade com Cristo, que comporta segui-lo.

À cena do jovem que não acolhe o convite, o art. 72 das Constituições contrapõe a imagem dos Apóstolos que declaram: «Deixamos tudo e te seguimos»<sup>31</sup>, e se colocam ao serviço do Evangelho. Identificamo-nos com eles e encontramos exemplo e inspiração em seu gesto.

A seqüela, a que somos convidados, não é só adesão moral ao ensinamento de Jesus e participação ativa em suas empresas, mas enxerto no seu mistério, na sua

<sup>30</sup> Mt 19,16-22

<sup>31</sup> Mt 19,27

doação total ao Pai e aos irmãos, na sua morte e ressurreição.

A pobreza radical de Jesus consiste em fazer-se homem limitado e real, como cada um de nós, mas aberto à divindade e por ela preenchido. Ele não se apega à sua prerrogativa divina, mas assume a condição humana de fraqueza e de morte para encontrar o seu sentido na entrega confiante nas mãos do Pai. Enquanto homem, não impõe a sua identidade superior; para muitos, ele é simplesmente o filho de Maria, do marceneiro, vive como um rabi itinerante, sem morada fixa, muitas vezes em situação de precariedade e sem as certezas humanas que derivam da riqueza, do status e do poder.

Pela pobreza, os consagrados fazem esta primeira e principal experiência: contemplam a “pobreza” de Cristo com uma claridade especial, sentem-se atraídos por ela, participam dela e a ela se conformam; pobreza do Servo de Iahweh, que se entrega ao Pai em tudo e nele encontra a sua felicidade e realização.

Vivem então em Jesus o esvaziamento de si para ser preenchidos de Deus, sentir-se felizes no receber e dar. São assim introduzidos no mistério trinitário, como sublinha *Vita Consecrata*: «A pobreza confessa que Deus é a única verdadeira riqueza do homem. Vivida segundo o exemplo de Cristo que “sendo rico se fez pobre” (2Cor 8,9), torna-se expressão do dom total de si que as três Pessoas divinas reciprocamente se fazem. É dom que transborda para a criação e se manifesta plenamente na Encarnação do Verbo e na sua morte redentora»<sup>32</sup>.

Esvaziar-se do que gera a convicção enganadora de poder realizar-se sozinho, de ser auto-suficiente para

<sup>32</sup> VC 21 c

alcançar a própria realização, sentir-se retribuído na dependência de Deus e dos irmãos para a própria felicidade e realização, comporta “ser humilde” no sentido cantado por Maria, ou seja, aceitar a verdade do nosso ser, da nossa criaturalidade, criados por um Outro, criados para um Outro, conscientes de sermos incompletos, da nossa pobreza moral, dos nossos limites e fraquezas.

Compreende-se então, que a oração, a visão e o desejo de Deus, são a característica do pobre; nela encontram-se os vazios do homem, que invocam as riquezas de Deus, fundem-se os desígnios intuídos de Deus com os nossos pobres projetos de felicidade, somos diretamente interpelados a reconhecer que fomos amados e a encontrar o nosso repouso no amar os outros.

Entende-se porque o “pobre”, que se confunde com o sábio, está disposto a dar todos os seus bens em troca da sabedoria, que é consciência do próprio ser e descoberta do caminho para levá-lo à plenitude.

## **Uma alegre mensagem aos pobres**

O primeiro ícone identifica a pobreza evangélica com o mistério da Encarnação do Filho de Deus, que é a consagração de Jesus de Nazaré.

Uma segunda imagem entrevê na pobreza o misterioso segredo da missão de Jesus e, portanto, a chave da fecundidade da Igreja<sup>33</sup>. A “pobreza” é o sinal revelador de ambas. Os homens não o percebem e nem conseguem aceitá-lo. Jesus, contudo, afirma-o publicamente quando manda dizer a João Batista, em busca de uma confir-

<sup>33</sup> cf. VC 25 a

mação da sua identidade messiânica: «A Boa Nova é anunciada aos pobres»<sup>34</sup>. Acontece o mesmo hoje: lá onde é despertada a esperança dos pobres, lá onde eles retomam a própria dignidade, revela-se que o Reino está em ação.

Os pobres, por isso, são escolhidos explicitamente como destinatários primeiros, principais, significativos e fecundos da missão sob a inspiração do Espírito: «Enviou-me para levar a Boa Nova aos pobres»<sup>35</sup>. Não são os únicos. A mensagem é também oferecida aos que possuem bens, mas como proposta de pobreza, a partir da experiência das privações, da partilha, do amor e da libertação.

A pobreza é *conteúdo do anúncio*: «Bem-aventurados os pobres»<sup>36</sup>. «Não junteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os consomem, e onde os ladrões penetram para roubar»<sup>37</sup>. «O que adianta ao homem ganhar o mundo e perder-se a si mesmo?»<sup>38</sup>. Com este discurso, o Evangelho leva o homem aos interrogativos fundamentais da existência e, ao mesmo tempo, oferece-lhe o caminho para resolvê-los no tipo de vida e nos ensinamentos de Jesus.

A conclusão de Jesus, muito explícita, está sintetizada numa expressão lapidar: «Não podeis servir a Deus e ao dinheiro»<sup>39</sup>. Ele denuncia como alienante para o homem a excessiva preocupação pela riqueza, que o condiciona e subjuga.

<sup>34</sup> Lc 7,22

<sup>35</sup> Lc 4,18

<sup>36</sup> Mt 5,3

<sup>37</sup> Mt 6,19

<sup>38</sup> Mc 8,36

<sup>39</sup> Lc 16,13

Não privilegia, de modo maniqueísta e indiscriminado, a condição econômica de indigência diante da opulência. Desta, ele relativiza o valor, revelando suas insídias quanto à conversão do coração, à construção do reino, à realização do destino do homem e à qualidade das relações humanas. Sua recomendação é: «Com a riqueza, conquistai amigos que vos acolham nas moradas eternas»<sup>40</sup>. Por isso, não despreza o dinheiro. Louva o seu emprego na viúva, que oferece o seu óbolo<sup>41</sup>, em Zaqueu, que promete dar a metade dos bens aos pobres e restituir quatro vezes mais aquilo que fraudara<sup>42</sup>, no administrador astuto, que o coloca para render a fim de garantir-se amizade e acolhida<sup>43</sup>.

A pobreza da vida consagrada prolonga e atualiza o ensinamento de Jesus perante os bens. Exprime-se na proposta de um relacionamento diferente com esses bens, na contestação da riqueza fim de si mesma, da cupidez e da incessante ambição de posse e, portanto, numa relação diversa entre as pessoas e povos. De fato, a avidez prepotente de dinheiro e a embriaguez da posse está na raiz de muitos dos graves males que afligem as sociedades de hoje: o dispor orgulhosamente dos outros, a injustiça dissimulada, a miséria.

O desapego, interior e exterior, a essencialidade, a renúncia à posse, não representam, por isso, empobrecimento e muito menos negação dos valores autenticamente humanos, mas a sua transfiguração; propõem uma “terapia espiritual” para a humanidade, porque

<sup>40</sup> Lc 16,9

<sup>41</sup> cf. Mc 12,42-44

<sup>42</sup> cf. Lc 19,8

<sup>43</sup> cf. Lc 16,1-13

repelem a idolatria e suas conseqüências, e tornam, de algum modo visível o Deus vivo<sup>44</sup>.

A pobreza, além de ser espaço humano e conteúdo do anúncio, é *característica irrenunciável do missionário evangelizador*. Ele entrega-se à palavra, à força convincente da caridade, à promessa da vida. Para a viagem, não precisa «levar nem bordão, nem sacola, nem pão ou dinheiro, nem duas túnicas»<sup>45</sup>. Recebe, porém, de Jesus, o poder de expulsar os demônios, a alegria de anunciar a salvação e curar as feridas do homem. Está disposto a viver daquilo que lhe oferecem.

A pobreza, relacionada diretamente à consagração e ao anúncio, tem para o missionário consagrado, um valor ascético: permite-lhe purificar o coração, o relacionamento e a palavra, libertando-se do instinto de domínio e auto-afirmação, da posse e busca de prestígio, tão fortemente radicados em indivíduos e comunidades. «As pessoas consagradas serão missionárias, antes de tudo, aprofundando continuamente a consciência de terem sido chamadas e escolhidas por Deus... libertando-se dos impedimentos que poderiam retardar a totalidade da resposta de amor: poderão ser, assim, um verdadeiro sinal de Cristo no mundo»<sup>46</sup>.

## **Os primeiros cristãos**

«A exemplo dos primeiros cristãos pomos em comum os bens materiais», diz o art. 76 das Constituições.

A pobreza de Cristo exprimiu-se no dom de si até o

<sup>44</sup> cf. VC 87

<sup>45</sup> Lc 9,1-6

<sup>46</sup> VC 26 b

gesto extremo da morte. A comunidade que nasce da sua Ressurreição, reforçada pelo dom do Espírito Santo, sente-se chamada a realizar a unidade fraterna entre todos os homens através da partilha dos bens espirituais e materiais.

«A multidão dos crentes como que tinha um só coração e uma só alma. Ninguém dizia que era propriedade sua nem um só de seus bens, pelo contrário, tudo lhes era comum»<sup>47</sup>. A “koinonia” inclui, então, muitos aspectos da existência, ou melhor, não deixa nenhum deles de fora: a união dos corações, o uso dos bens materiais, a participação na Eucaristia e na oração, a exposição da vida cotidiana, a convergência num único projeto de presença na sociedade.

A vontade e a realização de comunhão, elemento indispensável da pobreza evangélica, manifestou-se de diversas formas ao longo dos tempos, e continua a encontrar, hoje, expressões novas e eloqüentes: «Para as pessoas consagradas, feitas ‘um só coração e uma só alma’ (At 4,32) por este amor derramado nos corações pelo Espírito Santo (cf. Rm 5,5) torna-se uma exigência interior o colocar tudo em comum: bens materiais e experiências espirituais, talentos e inspirações, como também ideais apostólicos e serviço caritativo»<sup>48</sup>.

Resulta disso a multiplicação dos recursos: um capital também de bens materiais, que cresce a partir de dentro até poder ser distribuído «segundo a necessidade de cada um»<sup>49</sup>, de modo que «ninguém passe necessidade»<sup>50</sup>, porque a cada um é dado segundo aquilo que preci-

<sup>47</sup> At 4,32

<sup>48</sup> VC 42 b

<sup>49</sup> At 2,44

<sup>50</sup> At 4,32

sa<sup>51</sup>. É um fenômeno constante nos séculos: a pobreza orientada à comunhão produz abundância, e a riqueza possuída de maneira individual reproduz e estende a miséria.

Esta pobreza, que põe sua esperança na comunhão, tem um primeiro espaço de sementeira e colheita na comunidade religiosa, onde entrega-se sem cálculos para desdizer o princípio do “cada um por si” e fazer experiência da construção de uma fraternidade alegre e que testemunha. Não se reduz ao uso das coisas, nem é sua principal intenção conservar um patrimônio econômico comunitário, mas dar a possibilidade de uma experiência espiritual que tem valor também temporal.

O desejo de partilha entre os primeiros cristãos supera os limites da comunidade restrita e se volta às Igrejas irmãs e àqueles que vivem na indigência e necessidade. Paulo organiza uma coleta pela comunidade de Jerusalém pobre, enquanto os Apóstolos elegem alguns diáconos como resposta à exigência do cuidado dos pobres e viúvas. Olhando para a nossa situação, assim exprime-se *Vita Consecrata*: «A opção pelos pobres inscreve-se na própria dinâmica do amor, vivido segundo Jesus Cristo. Assim estão obrigados a ela todos os seus discípulos; mas aqueles que querem seguir o Senhor mais de perto, imitando as suas atitudes, não podem deixar de se sentirem implicados de modo absolutamente particular em tal opção. A sinceridade da sua resposta ao amor de Cristo leva-os a viver como pobres e a abraçar a causa dos pobres»<sup>52</sup>.

<sup>51</sup> cf. At 4,35

<sup>52</sup> VC 82 b

A experiência da vida religiosa ao longo dos séculos demonstra que um dos aspectos que determinaram a decadência da vida comum foi a interpretação da relação entre pobreza coletiva e individual. Chegou-se ao paradoxo da existência de religiosos ricos em Institutos pobres e, vice-versa, religiosos que nada possuíam em Institutos, donos de imensas propriedades em contextos de pobreza generalizada. É necessário ir além da interpretação legalista e renovar tanto individual como comunitariamente a opção de seguir Jesus, entendida como audácia no amor, capacidade de compartilhar generosamente, ausência de preocupação pelo cotidiano, abandono aos misteriosos caminhos de Deus.

Essas tomadas de posição levam a gestos corajosos, também contracorrente, que permitem aos religiosos ser defensores críveis do valor humano da pobreza, denunciar com a vida as injustiças perpetradas contra tantos filhos de Deus e «empenhar-se na promoção da justiça no ambiente social em que trabalham»<sup>53</sup>.

## **A pobreza de Dom Bosco**

A pobreza evangélica, entre os três conselhos, é a que apresenta maiores diversidades quanto à prática, nos vários projetos de vida consagrada, a ponto de caracterizá-los profundamente: existe a pobreza dos anacoretas, das grandes instituições monásticas, dos mendicantes, dos contemplativos, dos institutos de vida ativa, dos consagrados seculares.

A releitura atenta de *Vita Consecrata* deve orientar a nossa reflexão e a nossa práxis para uma conver-

<sup>53</sup> VC 82 b

são que envolva a comunidade e os indivíduos. Creio indispensável, a propósito, para completar o quadro de referência, convidar-vos a voltar o olhar por alguns momentos a Dom Bosco. Dele afirma plasticamente o comentário às nossas Constituições que «viveu a pobreza com um olhar em Cristo e outro nos jovens pobres»<sup>54</sup>.

O P. Rinaldi fornece-nos uma importante chave de leitura para entender o que Dom Bosco pensasse da pobreza. Falando aos irmãos de Valdocco em dezembro de 1930, por ocasião do exercício da boa morte, contou um episódio do qual ele mesmo fora testemunha. O nosso Pai demonstrara-se particularmente severo diante de alguns pedidos feitos pela comunidade de San Benigno (casacos novos para todos os clérigos e cortinas para as janelas dos quartos). Respondendo a um irmão, que depois da conferência sublinhava que não se devia separar o decoro da pobreza, Dom Bosco insistiu que o “decoro de um religioso é a pobreza”. «Tinha falado dessa forma sobre a pobreza – sublinhava o P. Rinaldi – justamente quando preparava para suas escolas de tipografia os locais mais grandiosos que existissem em Turim em estabelecimentos congêneres, e construía um magnífico colégio ao lado da igreja de São João Evangelista»<sup>55</sup>. A aparente contradição sugeriu ao P. Rinaldi uma distinção entre a pobreza de cada salesiano e das comunidades e as exigências da obra educativa com que Dom Bosco queria estar na vanguarda do progresso, segundo a expressão usada por ele com o futuro Pio XI<sup>56</sup>.

Dom Bosco empregou, de fato, boa parte do seu tempo na busca de meios para sustentar suas obras, fazen-

<sup>54</sup> *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*, pág. 537

<sup>55</sup> MB XIV, pág. 549-50

<sup>56</sup> cf. ib.

do-se esmoler pelo bem da juventude pobre. Gente de todas as camadas sociais na Itália, França e Espanha colocava à sua disposição também ingentes quantidades de dinheiro, atingidas pela santidade e simplicidade do nosso Pai. Por suas mãos passaram milhões, sem que nelas ficasse um centésimo. Seu estilo de vida no vestuário, na alimentação, nas viagens, na mobília do escritório, na concessão do sono e do repouso era rigoroso, graças às precoces experiências da alegre pobreza vivida em família, aos exemplos de sua mãe e à férrea vontade de gastar todos os instantes do seu tempo e toda migalha de suas posses pelos jovens.

É evidente a sua orientação ao ideal de Jesus em quem inspirava-se, e que indicava freqüentemente à atenção dos Salesianos: «Jesus Cristo nasceu, viveu, morou, nutriu-se e morreu pobre. A santa pobreza era assunto contínuo da Doutrina que pregava. Às multidões, anunciava a necessidade de desapegar o coração das coisas da terra, e impunha-o àqueles que convidava a serem seus discípulos; e daqueles que lhe pediam para serem aceitos como discípulos para formar sociedade com ele, exigia que renunciassem ao que possuíam, também às suas famílias»<sup>57</sup>.

Conhecemos a sua inquebrantável confiança na Providência, através de inúmeros *fioretti* que dele nos transmitiram a primeira geração de Salesianos e suas recomendações freqüentes. «A Divina Providência tem-nos ajudado até agora em todas as nossas necessidades e, podemos dizê-lo, até de modo extraordinário. A ajuda, estamos certos, deverá continuar também no futuro pela intercessão de Maria Santíssima Auxiliadora, que tem

<sup>57</sup> MB IX, pág. 699

sido sempre nossa Mãe. Isso, porém, não nos desobriga, da nossa parte, de usar toda a diligência para diminuir as despesas, onde se possa, como também economizando nas provisões, viagens, construções e, em geral, em tudo que não for necessário. Creio que esse seja um nosso dever particular diante da Divina Providência e diante dos nossos próprios benfeitores»<sup>58</sup>.

Dom Bosco relaciona a generosidade da Providência ao espírito de pobreza: o que atrai sobre nós a abundância dos dons de Deus são o nosso ardor apostólico, o desapego cotidiano de nós mesmos, a nossa entrega pessoal pelo bem da juventude.

Por outro lado, conhecedor pelo estudo e identificação, da história da Igreja e das ordens religiosas, ele une a prosperidade e a capacidade vocacional delas à prosperidade ou decadência da pobreza em sua vida e missão. «Interessa-me, e muito, uma terceira coisa, ou seja, a observância perseverante do voto de pobreza. Recordemo-nos, meus queridos filhos, que dessa observância depende em máxima parte o bem-estar da nossa Pia Sociedade e a vantagem da nossa alma»<sup>59</sup>.

Hoje, a mensagem e a preocupação de Dom Bosco interpelam-nos a retornar às fontes regeneradoras da nossa história e consagração. Nos contextos de bem-estar e naqueles de indigência, a recuperação da força carismática, inserida na Igreja pelo Espírito para a salvação dos jovens através de Dom Bosco, não pode deixar de passar pelo testemunho humilde e límpido da nossa seqüela de Jesus. Dom Bosco impele-nos a tornar claro, a reformar, se necessário, o nosso modo de viver como

<sup>58</sup> MB XVIII, pág. 191

<sup>59</sup> ib.

pobres tanto individual como comunitariamente. Os jovens, vendo a generosa pobreza do nosso dom, não podem deixar de ser capturados pela bem-aventurança que Deus nos concede.

#### **4. ALGUMAS INDICAÇÕES PARA O MOMENTO ATUAL**

Os motivos inspiradores da nossa práxis comunitária e vivência pessoal expostos acima devem referir-se à situação concreta que estamos vivendo.

É indispensável saber discernir segundo o critério de significatividade carismática, concentrar-se no essencial e entregar-se à memória do Espírito Santo para encontrar expressões eloqüentes da nossa pobreza. Isso comporta esforço, incerteza e, às vezes, também tensões apaixonadas e fecundas.

A miséria impõe-se hoje à opinião pública do mundo todo com trágica evidência. A indigência é condição existencial, sofrida muitas vezes como conseqüência de injustiças, de bilhões de homens e mulheres em todos os ângulos do globo. A pobreza abraçada pelo Reino dos céus não goza da mesma evidência; é opção de poucos, parece quase submersa, e oferece freqüentemente os flancos a equívocos e interpretações tendenciosas. Há quem não creia em nossa profissão de pobreza, atribuindo-nos interesse e lucro e, tudo somado, uma existência garantida em todos os sentidos.

Como dar, hoje, visibilidade compreensível e, sobretudo, consistência evangélica à nossa opção pública de pobreza?

## Responsabilidade atenta

Recordo, antes de mais, a atitude de **vigilância**, de confronto exigente entre o ideal professado e as manifestações cotidianas da pobreza. É fácil escorregar em compromissos mesmo individualmente não graves, mas que no conjunto aviltam a expressividade da consagração.

Propusemos muitas vezes nestes anos o *scrutinium paupertatis*, contemplado nos Regulamentos: «A comunidade local e a inspetorial avaliem, com a frequência que julgarem oportuna, o próprio estado de pobreza quanto ao testemunho comunitário e aos serviços prestados. Procurem os meios para contínua renovação».<sup>60</sup>

Podemos perguntar-nos: estamos realmente esforçando-nos, em nível comunitário, no exame do nosso teor de vida, dos nossos hábitos, das nossas opções? Ajudamo-nos a fazer o levantamento sincero de nossas infidelidades, de nossas acomodações? Encorajo cada irmão, as comunidades e aqueles que exercem o serviço da autoridade a viverem o *scrutinium* não só como exame de consciência, mas como experiência do Espírito, como entrega ao seu fogo purificador e à sua força regeneradora.

O escrutínio não pode fugir à verificação de algumas tendências talvez circunscritas, mas que, descuidadas, podem tornar-se explosivas, como a gestão individual de dinheiro e recursos, que chega aos limites de uma economia paralela, tende a escapar a qualquer controle, dá origem a claras desigualdades com prejuízo para o espírito fraterno e para a mesma qualidade da vida religiosa.

<sup>60</sup> R 65

Existe, de fato, um dinamismo, inerente à organização da nossa consagração, que devemos ter a coragem de deixar livre, para que o Espírito, também através da nossa colaboração, possa atuar hoje a salvação dos jovens. É a opção da “austeridade profética” que conteste a posse como fim em si mesma e denuncie a tentação de sentir-se importantes e seguros por aquilo que se tem e se adquiriu. Demonstrar fraqueza ou condescendência diante dos abusos mais evidentes (contas pessoais, viagens custosas não concordadas, teor de vida burguês, disponibilidade dos confortos mais atualizados, meios de transporte exclusivamente pessoais...) significa esvaziar gradualmente de sentido e testemunho tanto a nossa consagração como a nossa missão.

Em algumas Inspetorias, as comunidades locais são ajudadas, através de subsídios especiais, a não perder de vista o conjunto das exigências atuais, que a pobreza comporta, conforme as Constituições e as indicações da Igreja: austeridade no estilo de vida, comunhão de bens, trabalho, empenho pela justiça, atenção preferencial aos pobres.

O *scrutinium*, além de criar comunicação responsável e fraterna entre nós, será útil para o crescimento na compreensão e prática da pobreza. Também a respeito dela é preciso uma “formação permanente” que leve a aprofundar o seu sentido evangélico, supere a observância correta mas habitual e abra-nos a novas experiências.

### **Destinação apostólica dos bens**

Já sublinhamos que a Providência, de várias for-

mas, coloca recursos financeiros à nossa disposição, devendo derivar disso algumas atenções.

A primeira refere-se à sua escrupulosa **destinação** à educação e evangelização dos jovens e do povo, à promoção dos mais pobres, à formação dos educadores, líderes, catequistas. Impressiona-me em minhas viagens a constatação de que em muitos lugares os Salesianos pensaram realmente nos jovens ao construir novas estruturas. A residência dos Salesianos é muitas vezes modesta e essencial, enquanto a obra apostólica foi equipada com locais acolhedores e mobiliário adequado.

Hoje, talvez, deva-se especificar que é preciso investir sobretudo no crescimento das pessoas e grupos. As estruturas devem ser simples, dignas, suficientes para as finalidades atuais e de um futuro imediato, não custosas no que se refere à gestão e manutenção, decididas depois de um atento discernimento sobre as suas necessidades. Destinemos dinheiro, porém, para qualificar pessoas, promover movimentos, à educação dos jovens das classes mais pobres, a iniciativas de evangelização e promoção humana. O mesmo deve-se dizer do nosso tempo que também equivale ao dinheiro.

Hoje deve-se acrescentar à destinação “apostólica”, a “caritativa”, que tende a aliviar necessidades inadiáveis e primárias como a fome, a saúde, os serviços básicos, a acolhida de quem é prófugo ou sem-teto. «Dá aos pobres»<sup>61</sup> é dito também a nós, sobretudo quanto aos bens não necessários, trate-se de estruturas ou dinheiro. Grande parte da beneficência que nos chega foi mo-

<sup>61</sup> Mt 9,21

tivada e é oferecida para aliviar essas necessidades. Não seria justo empenhá-las em despesas administrativas ou construções supérfluas.

Uma segunda atenção refere-se ao **critério de conservação dos bens** de que dispomos. Atualmente, um pouco em todos os lugares, são múltiplas as obrigações civis e sociais que devemos observar por lei, muito pesados os encargos financeiros ligados às estruturas e à sua manutenção, variadas as possibilidades de investir e capitalizar. Por outro lado, faz estrada entre nós o redimensionamento das presenças e a organização dos recursos. Não me detenho sobre os problemas concretos a respeito, que serão objeto de orientações específicas por parte do Dicastério competente.

Interessa-me, porém, evidenciar, no espírito da nossa pobreza, o princípio da pronta disponibilidade dos recursos para o apostolado; e, portanto, da não capitalização como fim em si mesmo em edifícios, propriedades ou dinheiro. Podem insinuar-se também entre nós uma mentalidade e uma práxis orientadas ao acúmulo para garantir um lucro sutil ou longinquamente relacionado à missão.

Conjugar confiança na Providência e previdência sábia é uma tarefa árdua e nem sempre decifrável à primeira vista. A tensão contudo deve ser saudavelmente mantida, para não correr o risco de gerir de maneira imprudente e, de outra parte, para evitar elaborações decididamente especulativas, em que se corre o risco de perder aquilo que com muita criatividade e coração podia ser imediatamente empregado em favor do povo.

É o caso de recordar a afirmação de Dom Bosco: «Os nossos bens e dinheiro pertencem aos pobres»<sup>62</sup>.

## **Solidariedade**

Já acenamos à **solidariedade** como elemento determinante no quadro normativo da pobreza salesiana. Não se trata de algo opcional, mas de um dever constitucional, que diz respeito à nossa identidade comunitária de consagrados e filhos de Dom Bosco.

Não vos escondo que, justamente nesse âmbito, ao lado de situações exemplares de comunicação de bens na Congregação, existem outras de evidentes desigualdades: existem numa mesma Inspeção obras que dispõem de meios financeiros notáveis e de reservas abundantes, enquanto outras sofrem escassez de recursos e vêem-se limitadas na possibilidade da missão.

Essas situações devem ser enfrentadas com serenidade, mas com determinação e resolvidas em breve tempo pelos organismos comunitários competentes: Conselho da casa, Conselho Inspeccional, Capítulo Inspeccional. O governo inspeccional, sobretudo, chegue a orientações precisas para a condução econômica das comunidades locais e da Inspeção segundo o ditado do art. 97 dos Regulamentos: «O Inspetor com o consentimento do seu Conselho fixará as contribuições exigidas pelas necessidades da inspeção, comunicá-las-á às casas e fará recolher o dinheiro excedente. Predisporá um plano periódico de solidariedade econômica entre todas as casas da inspeção para ajudar as mais necessitadas...»<sup>63</sup>.

<sup>62</sup> MB V, 682

<sup>63</sup> R 197

A solidariedade entre as comunidades é norma para a Inspeção e é organizada em nível inspetorial, de onde tem-se uma visão mais ampla e objetiva da missão das várias comunidades locais.

Em alguns casos, reconheço, será preciso uma autêntica conversão, uma completa mudança tanto da mentalidade quanto da práxis. Entretanto, é preciso fazê-lo, com espírito de disponibilidade e desapego, seguros de que uma gestão mais solidária constrói fraternidade, oferece possibilidades inesperadas à missão, garante uma maior fidelidade e transparência no testemunho pessoal dos irmãos e consente destinar recursos também às necessidades urgentes da Igreja e do povo.

### **Educar ao uso dos bens**

Educar com o testemunho, ensinamentos e experiências adequadas. Há um fascínio a ser destruído, quase uma idolatria, de que os jovens não estão livres. Também eles querem possuir para impor-se, gozar e aparecer: dinheiro, roupas, motocicleta, computador, férias. Frequentemente, com absoluta ignorância das necessidades de quem vive ao redor. Isso pode acontecer em nossos próprios ambientes, embora ultimamente tenha-se tornado visível o esforço de sensibilizar os jovens à solidariedade com uma boa resposta deles.

Há uma forma de vida a ser sugerida, atenta às necessidades da pessoa, mas não fácil aos consumos e ao desperdício. Pode ser um exemplo disso a vida de famílias que se propõem a viver com o necessário, contendo as despesas supérfluas.

Há um respeito e um cuidado pelos bens comuns a ser sublinhado: o ambiente, a natureza, a vegetação, o espaço de vida.

Há, sobretudo, a ser oferecida a visão cristã da hierarquia e da destinação dos bens e da sua gestão particular ou social. A tendência dominante na sociedade de hoje não transmite essa visão. É preciso, portanto, um suplemento de experiências específicas e de iluminação para fazê-la entender e assimilar. Caminham nessa linha as diversas formas de voluntariado, as colaborações nas causas humanitárias, as informações sobre problemas gravíssimos como a fome, a exploração dos fracos, o desemprego endêmico, de que apenas ocasionalmente se ocupam os meios de comunicação. Aos convites à caridade e à organização de serviços voluntários, acrescenta-se uma correta visão social das situações que faça emergir as causas que as geram e sugira as eventuais linhas de soluções também estruturais.

O CG23 sublinhava a urgência de formar os jovens à *dimensão social da caridade* no contexto da educação à fé<sup>64</sup>. De fato, esta não pode deixar de sentir-se envolvida segundo o que dizia João Paulo II na mensagem para a Quaresma: «Existem situações de miséria que perduram, e que não podem deixar de sacudir a consciência do cristão e apelam ao dever de enfrentá-las, tanto pessoalmente como de modo comunitário»<sup>65</sup>.

<sup>64</sup> cf. CG23, 209214

<sup>65</sup> João Paulo II, Mensagem para a Quaresma 1999

## Amar os pobres em Cristo

Amar a pobreza quer dizer sentir-se pobre entre os pobres. A nossa preparação cultural e a nossa profissão de sacerdotes e educadores colocam-nos quase naturalmente em condição de segurança, prestígio, suficiência, relações com uma determinada classe social. Isso pode tornar-se, para alguns, busca e prazer. A partir dessa posição, estendamos a nossa mão e o nosso olhar, com beneficência e iniciativas, àqueles que vivem na miséria.

Ficamos, porém, com freqüência, psicologicamente distantes, sem participar dos sofrimentos dos pobres, nem receber suas riquezas de humanidade. A exposição direta à pobreza só pode ser saudável para a comunidade. Remeto-vos, para uma nova meditação do peso da nossa opção preferencial pelos pobres, à carta *Teve compaixão deles*<sup>66</sup>.

Nem todas as obras podem assumir as mesmas modalidades de acolhida, ajuda e partilha. É interessante em todo caso que não falte, em nenhuma delas, a consciência das pobrezaas que estão ao nosso redor ou distantes, o conhecimento das suas raízes nas pessoas que as sofrem e em nossos comportamentos: é importante que se possa garantir que essas pobrezaas encontram espaços no coração e nas iniciativas da comunidade. Uma Igreja capaz de compaixão é um dos pedidos prementes neste tempo em que os problemas de que falamos comovem a opinião pública.

A isso somos chamados pelas Constituições: «O

<sup>66</sup> ACG 359

espírito de pobreza nos leva a ser solidários com os pobres e a amá-los em Cristo. Para isso esforçamo-nos em lhes estar ao lado, em aliviar-lhes a indigência, fazendo nossas as suas legítimas aspirações a uma sociedade mais humana»<sup>67</sup>.

## Conclusão

«Encheu de bens os famintos, despediu os ricos de mãos vazias»<sup>68</sup>. O cântico de Maria é o primeiro de uma pessoa humana que Lucas coloca no Evangelho. Ele introduz e interpreta o evento de Jesus na chave da história da salvação, como seu paradigma e momento definitivo.

Maria fala não só da sua experiência pessoal de eleição e regozijo, mas dá uma visão da história humana, e confessa as energias que a movem: Deus é o seu protagonista com o próprio amor manifestado no poder colocado a serviço da misericórdia. Os pobres da tradição bíblica são os seus primeiros destinatários, escolhidos como “lugar” da revelação desse poder e misericórdia, e como que motor da história. A riqueza e o poder identificados com a soberba humana vão indefectivelmente em direção à consumação e, deixados a si mesmos, também ao degrado e à corrupção.

A história recomeça sempre a partir dos pobres, e abre-se ao futuro segundo a medida da sua esperança.

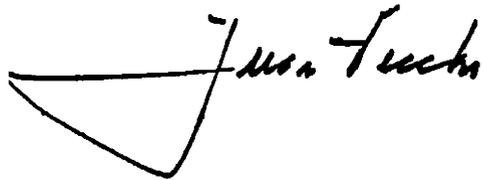
À vigília do Terceiro Milênio, os temas da pobreza e da riqueza, do poder e da dignidade humana tornaram-se prevalentes. A conversão do secularismo auto-

<sup>67</sup> C 79

<sup>68</sup> Lc 1,53

suficiente ao Deus vivo é colocada, neste momento, em relação estrita com a posse, a destinação, a hierarquia e o uso dos bens, materiais e culturais. O *Magnificat* parece ressoar como um programa para os nossos tempos.

Maria nos ajude a crer, esperar e amar segundo a visão do seu Cântico.

A handwritten signature in black ink, reading "Juan Vecchi". The signature is written in a cursive style with a large, sweeping initial 'J' that extends downwards and to the left.

**P. Juan Edmundo Vecchi**  
*Reitor-Mor*

### 2.1. CELEBRAÇÃO SALESIANA DO JUBILEU

#### *Comunicado do Reitor-Mor*

Uma das perguntas que me são feitas ultimamente é esta: aproximamo-nos do ano 2000, o grande Jubileu da Igreja. Os Salesianos programaram algo de especial para celebrar a passagem de milênio?

Respondo à pergunta, com este comunicado.

Desde o início da preparação às celebrações jubilares, considerando o movimento que se daria em todas as igrejas e na própria Igreja universal, enunciamos um critério: cada comunidade salesiana, com os jovens, pais e colaboradores, **participe, antes de tudo, do que será organizado nas Igrejas locais**. Por exemplo, haverá em todos os lugares a jornada da Vida Consagrada no dia 2 de fevereiro. Unam-se os salesianos. Haverá provavelmente celebrações ou gestos de reconciliação. Os Salesianos façam a preparação com a Igreja e participem, depois, do gesto que será feito pelo povo de Deus. Partirão das Dioceses peregrinações a Roma ou à Terra Santa. Nós não faremos uma convocação mundial de irmãos nem de jovens. O convite é para unir-se àquelas organizadas pela Igreja, por exemplo, o encontro para a Jornada Mundial da Juventude em Roma.

Programamos, porém, **alguns atos** que não exigem movimentos maciços de pessoas, em nível mundial.

O primeiro é o **confronto juvenil**, que se dará no Colle Don Bosco em agosto deste ano, e será em nível europeu. O encontro mundial vai ser realizado em coincidência com a Jornada da Juventude em Roma, em 2000. O Confronto de 99 é limitado no número de participantes. Trata-se apenas dos animadores e, até mesmo, os mais maduros: 800 no máximo. Deverão aprofundar a espiritualidade juvenil salesiana às portas do terceiro milênio, para poderem aperfeiçoar depois o itinerário que estamos propondo. No encontro juvenil mundial de Roma, haverá a possibilidade de uma reunião do Movimento Juvenil Salesiano.

O segundo acontecimento é o **encontro dos ramos da Família Salesiana**. Também este será limitado como número de participantes: estão convocados apenas os superiores e superioresas gerais com seus conselhos. Discutiremos o modo de animar a Família Salesiana na nova fase que ele está percorrendo. A partir de 1972 aumentaram os ramos ou grupos que fazem parte da Família, além de mais de meia dúzia que pediram para pertencer-lhe e que estão aguardando. Cada ramo criou o próprio movimento de leigos ao seu redor. Escreveram-se os textos de organização e espiritualidade dos diversos grupos. Elaborou-se a Carta de Comunhão. Torna-se interessante, agora, pensar como realizar a missão comum. Falaremos disso tudo aos superiores e superioresas gerais e seus conselhos no encontro de janeiro de 2000.

A terceira iniciativa é a **expedição missionária**. Queremos que seja extraordinária, correspondendo proporcionalmente a um missionário por Inspetoria: entre 90 e 100 missionários. A intenção é reforçar algumas

missões ainda débeis ou isoladas, ou que se estão aproximando da autonomia; e abrir novas frentes, especialmente na Ásia, que parece ser a fronteira do Terceiro Milênio. É preciso que os Superiores falem disso nas Inspetorias e se agilizem os pedidos que os irmãos, inspirados por Deus, desejam apresentar ao Reitor-Mor. O Conselheiro para as Missões enviou uma carta a todas as casas de formação, e as respostas estão chegando. Espero, porém, que também pessoas maduras e até idosas peçam para fazer uma experiência desse tipo.

Deliberamos, também, na última sessão que se faça com todos os Salesianos, Inspetorias e Casas **uma celebração**, análoga à entrega a Maria de 1984 e à renovação da profissão de 1988. Pode ser *um caminho de conversão unido ao momento de celebração convenientemente preparado*. Será oferecido em tempo um guia ou material para a celebração. Excluimos o pedido de atividades particulares que sobrecarreguem as Inspetorias de novos compromissos: ficam à discrição das próprias Inspetorias. Excluimos também a organização de outros encontros que exijam movimentações ulteriores. Diversamente, o ato comunitário como aquele que acenei nos ajudará a viver juntos a extraordinária circunstância da passagem do milênio. Sirva a lembrança da passagem entre os século dezanove e vinte, em que o P. Rua fez a entrega da Congregação ao Coração de Jesus.

Podem-se acrescentar a isso, que é a parte principal, **os investimentos** que estamos fazendo em Roma para atualizar a Casa dos sacerdotes estudantes, que da Itália ou do exterior, estudam nas Universidades romanas, as reestruturações das construções da Universidade, a reconstrução do “Salesianum” em nossa Casa

Geral para uma maior capacidade e para adequá-lo às normas européias, e a decoração e acabamento da Igreja de Dom Bosco no Colle.

Acrescentem-se, também, coisas menores, não extraordinárias, como a publicação de uma edição renovada de **“Dom Bosco no Mundo”**. A Universidade Salesiana terá suas jornadas no conjunto das iniciativas das Universidades romanas, e assim também outros setores ou instituições poderão ter iniciativas próprias particulares, no espírito que dizíamos anteriormente.

Não ficaremos sem trabalho. É preciso esperar e rezar para que tudo sirva a uma real renovação e para que o novo milênio nos traga um aumento de fé em Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida.

## **2.2. ALGUMAS ORIENTAÇÕES OPERATIVAS SOBRE A PRÁTICA DA POBREZA**

P. Giovanni Mazzali  
*Ecônomo Geral*

A presente intervenção está diretamente relacionada com carta do Reitor-Mor sobre a pobreza e propõe-se retomar alguns de seus aspectos, desenvolvendo-os do ponto de vista prático e operativo.

### **1. Algumas indicações sobre a administração**

Administrar atualmente representa sem dúvida um empenho complexo e tecnicamente exigente. O direito canônico (cân. 1284) indica “a diligência de um bom

pai de família” como a principal atitude de uma sábia administração. Isso, contudo, não deve ser entendido em sentido redutivo ou aproximativo, mas como referência às motivações mais profundas para uma correta administração, como de resto, é sublinhado pela seqüência do mesmo cânone. A complexidade do fato econômico, tanto em relação à própria economia como às várias legislações que lhe regulam os aspectos sob o perfil civil e fiscal, deve ser apreciada em todas as suas implicações.

Por outro lado, justamente para evitar que sejamos absorvidos de maneira preponderante por tarefas e funções exclusivamente administrativas no setor econômico e jurídico, deveríamos servir-nos de consultorias e colaborações de profissionais leigos, que sejam para nós garantia de correição civil e sadia gestão dos recursos.

Isso não significa, contudo, delegar totalmente a terceiros a administração dos bens que a Providência coloca à nossa disposição. Pelo contrário, é um convite a um maior discernimento, procurando distinguir os aspectos técnicos e administrativos dos mais especificamente decisoriais, de organização econômica e de destinação de recursos, que não podemos indiscriminadamente delegar, mas dos quais devemos nos sentir plenamente responsáveis.

O espírito de família não pode justificar inabilidade, superficialidade ou falta de correição na administração e gestão. Essas atitudes podem trazer, e de fato trouxeram em alguns casos, um grave dano tanto às pessoas como às instituições. Encorajo a tendência que já se vai consolidando em muitas Inspetorias de preparar, com uma oportuna formação, os irmãos que deverão se empenhar no setor administrativo, mas sobretudo

do o esforço louvável de organizar de modo eficiente o centro inspetorial, de modo que possa dar maior apoio aos ecônomos locais, também através de um inteligente sistema de monitoramento em nível contábil e administrativo.

Aceno a alguns problemas mais evidentes:

### *1.1. Depósitos bancários e gestão de títulos e ações*

Deve-se apoiar e buscar, embora com gradualidade e levando em conta as exigências peculiares de alguns contextos, a tendência de coordenar e unificar em nível inspetorial a relação com os institutos de crédito. Algumas inspetorias já criaram, com utilidade, uma coordenação eficaz nesse sentido, sob a orientação e indicações dos ecônomos inspetoriais, salvaguardando a autonomia constitucional das várias comunidades, como a organização mais racional da solidariedade, além da maior transparência na gestão e a pronta eficácia no controle.

Sobre a gestão de eventuais patrimônios em títulos ou ações, a carta do Reitor-Mor já contém indicações orientativas. Acrescento algumas outras em nível operativo.

- A gestão de eventuais reservas por parte das comunidades deve ser feita de modo transparente e de acordo com o centro inspetorial. Sugere-se que reservas de particular montante sejam geridas pelos responsáveis das comunidades com monitoramento particular e freqüente do Inspetor e do Ecônomo Inspetorial.

- Deve-se evitar a gestão meramente especulativa dos eventuais capitais (cf. C 187), às vezes arriscada e, outras vezes, duvidosa quanto às complexas finalidades e infinitos canais com que o dinheiro é investido. O nosso objetivo não pode e não deve ser o do rendimento máximo, mas o de uma escrupulosa e prudente gestão que, valendo-se dos instrumentos mais eticamente praticáveis hoje, nos permita enfrentar as exigências da nossa missão juvenil. É necessário ter uma assistência de consultores sobretudo no setor financeiro hoje tão complexo e mutável, conscientes, porém, de que nós somos os únicos responsáveis de uma gestão que se deve harmonizar com as exigências da nossa pobreza evangélica e da missão.
- A finalidade apostólica do dinheiro que administramos, é relevada claramente do fato de ele ser com freqüência colocado prontamente à disposição com mentalidade solidária e, portanto, gerido apenas por breve tempo através de títulos de obrigações, ações, fundos comuns de investimento ou outros instrumentos utilizados atualmente. Igualmente, porém, respeitosos das legislações dos vários estados ou regiões, sejamos escrupulosos na constituição dos fundos que devemos manter conosco de acordo com a lei.
- A Inspetoria é a sede mais oportuna onde constituir “fundos” ou “reservas” para socorrer alguns capítulos de despesa, como por exemplo com os irmãos em formação, os irmãos doentes e anciãos, as urgências e emergências econômicas e financeiras das comunidades.

## *1.2. Contabilidade*

Tem-se por certo que uma eficiente e escrupulosa contabilidade é condição indispensável para a gestão econômica transparente e prudente, que permita avaliar com conhecimento os custos e entradas e a entidade e finalidade dos movimentos financeiros. Em base à boa contabilidade, é possível organizar balanços preventivos críveis, que ajudem e orientem as opções econômicas e financeiras das comunidades e Inspetorias. Sugere-se, pois, que seja feita uma coordenação eficaz entre o centro inspetorial e as comunidades, chegando, também, sobretudo nas realidades mais complexas, à centralização contábil que não comprometa, contudo, a autonomia financeira de cada comunidade. Pode-se tentar, então, obviar à freqüente debilidade administrativa da periferia, impondo-se um controle pontual e eficaz, colocando-se as bases para uma mentalidade solidária que não pode deixar de produzir bons frutos ao conjunto inspetorial. Acrescento que, nesse sentido, foram realizadas algumas experiências interessantes na Congregação, respeitadas da nossa tradição administrativa, mas também inovadoras na perspectiva de uma ampla e sistemática convergência. Com boa consultoria, coragem de projeto e forte e sábia determinação é possível iniciar caminhos inovadores também neste setor.

## **2. O testemunho pessoal de pobreza**

O Reitor-Mor acena em sua carta, sob vários aspectos, à dimensão pessoal na vida e no testemunho da pobreza. Limite-me, neste contexto mais operativo, a

algumas considerações pontuais na gestão e uso do dinheiro.

2.1. É importante insistir que, com o voto de pobreza, renunciemos pessoalmente à gestão individual do dinheiro e dos bens, confiada pelas Constituições e Regulamentos às figuras clássicas da nossa tradição salesiana. Isso comporta a partilha e, portanto, a entrega ao diretor ou ecônomo do dinheiro que de várias formas é colocado à nossa disposição. Não existe a tradição do pecúlio privado em nossa Congregação e, sobre o tema, com todas as suas implicações, envio à intervenção do meu predecessor (cf. ACG 354, P. Omero Paron, *O pecúlio*).

2.2. Quanto aos *cartões de crédito*, é bom harmonizar o seu uso com o espírito e a letra da Regra. Os cartões de crédito, por definição, são pessoais e referem-se a uma conta bancária. São, em si, um ótimo instrumento de controle, enquanto faz uma dupla prestação de contas de cada despesa. Podem-se tornar um abuso quando, na prática, avalizam um sistema de autogestão econômica em contraste com a pobreza. É necessário que cada Inspetoria estabeleça normas, de acordo com a legislação dos vários países, quanto ao uso dos cartões de crédito, que salvaguardem tanto os aspectos individuais como comunitários na prática da pobreza evangélica.

2.3. Outro problema que se coloca atualmente com uma certa freqüência é o das *contas bancárias pessoais*. Alguns irmãos, sobretudo nos tantos casos em que percebem algum salário, são obrigados a ter uma conta pessoal, às vezes expressamente exigida pelas modali-

des de pagamento e pela entidade outorgante. Isso acontece, também, sobretudo em algumas nações, a respeito das pensões de aposentadoria. Não preocupam tanto as modalidades de pagamento, quanto as distorções na mentalidade e na práxis que daí poderiam derivar: gestão autônoma das próprias despesas “pessoais” em relação à comunidade e, ao mesmo tempo, “dependência” da comunidade para todos os outros custos e consumos.

As contas bancárias ou postais pessoais são abertas por razões legítimas, de acordo com o Inspetor, e com a regular e transparente prestação de contas ao diretor da comunidade de pertença. Tais contas, nos limites do possível, sejam “transitórias” e as somas depositadas confluam em seguida na conta da comunidade. Por último, é de dever usar essas contas sempre com duas assinaturas, a do primeiro titular e uma outra do ecônomo da casa ou do ecônomo inspetorial. São variadas, sem dúvida, as razões que levaram, às vezes, alguns irmãos a abrirem uma conta pessoal no banco ou no ofício postal: desafeição em relação à comunidade, contrastes com os superiores, sentido de frustração ou insegurança, desejo sincero de desviar valores de maneiras imprudentes e não corretas de administração. Justamente por isso, não tento nem mesmo uma avaliação de mérito. Julgue o Senhor que conhece o íntimo do coração e das intenções. Estou certo, porém, que todos os irmãos percebem a necessidade de um testemunho transparente dos valores da pobreza, do desapego e da temperança, sobretudo diante dos jovens aos quais somos enviados.

### 3. Solidariedade inspetorial

A carta do Reitor-Mor acena, várias vezes, à solidariedade como elemento característico do testemunho da nossa pobreza. Eu mesmo (cf. ACG 361, P. Giovanni Mazzali, *Pobres e solidários*) já entretive-me algum tempo atrás sobre o mesmo tema, dando algumas indicações. Acrescento outros elementos de orientação.

É necessário ter em vista a organização estruturada da solidariedade na Inspeção, a partir do art. 76 das nossas Constituições: «Com as comunidades da inspeção partilhamos fraternalmente o que temos, e somos solidários com as necessidades de toda a Congregação, da Igreja e do mundo». Insisto que a solidariedade é um dos principais reguladores do nosso uso de bens e dinheiro, e deve orientar nesse sentido a organização da prática econômica em todas as nossas Inspeções.

A responsabilidade é confiada diretamente ao Inspetor e ao seu Conselho: «O inspetor com o consentimento do seu Conselho fixará as contribuições exigidas pelas necessidades da inspeção, comunicá-las-á às casas e fará recolher o dinheiro excedente» (R 197).

Há na Congregação modalidades muito variadas quanto aos dois aspectos, contribuição e excedente a versar na Inspeção, e isso é certamente justificável, dada a grande variedade de situações e contextos em que trabalha. É indispensável, contudo, que as Inspeções enfrentem o problema com determinação, e definam com clareza a prática a seguir, para evitar abusos e incorreções que, com o passar do tempo, têm consequências negativas na vida da comunidade inspetorial. Embora em medida limitada, todas as comunidades devem

contribuir às necessidades da Inspeção e dos que trabalham para o bem de todos. Além disso, como a interpretação do que deve ser considerado dinheiro excedente não é unívoca, é necessário que o Economista Inspeção, com a ajuda de consultorias específicas, enfrente a questão e proponha soluções racionais e respeitadas da peculiaridade das várias obras. O plano deverá ser verificado pelo Conselho Inspeção e, oportunamente, submetido à aprovação do Capítulo Inspeção, como norma para a Inspeção (cf. R 58,3).

Permito-me concluir estes acenos, não certamente exaustivos, relevando os sinais positivos que pude verificar na Congregação nos últimos anos. Em nível inspeção, embora às vezes com dificuldade, caminha-se para a realização de uma centralização inteligente e correta, como garantia fundamental de transparência e solidariedade. Percebe-se, em nível mundial, o forte sentido de Congregação, e nela se move com ajudas concretas nos momentos de calamidades e necessidades urgentes. O *Fundo de Solidariedade* do Reitor-Mor é bem alimentado, graças à contribuição de muitos, e pode intervir rapidamente nos casos de necessidades em todos os contextos.

Não faltam naturalmente os problemas e, em algumas inspeções, vive-se particularmente preocupados com a situação econômica geral e a capacidade de enfrentar situações novas e muitas vezes complexas.

O ideal de pobreza evangélica proposto novamente a todos pela carta do Reitor-Mor representa um estímulo e uma orientação para a renovação da nossa práxis, fazendo com que o nosso testemunho diante dos jovens e do mundo seja mais crível.

### 4.1. Crônica do Reitor-Mor

A partir de 1º de dezembro até 22 de janeiro de 1999, o principal compromisso do Reitor-Mor foi presidir à **sessão invernal do Conselho Geral** que, contudo, não lhe impediu de dedicar-se ao trabalho ordinário de animação e a algumas visitas significativas. Já foram recordadas no número precedente dos ACG a participação no *Meeting* internacional sobre os “meninos de rua” no dia 7 de dezembro e a participação nas celebrações conclusivas do cinquentenário do “Borgo Ragazzi Don Bosco” de Roma, em 8 de dezembro (cf. ACG 366, pág. 75).

O Reitor-Mor passa o Natal na Pisana, em clima de família, com os membros do Conselho Geral e os irmãos da Casa Geral.

À conclusão do ano – como é tradição – apresenta a *Estréia 1999* na Casa Geral das FMA.

Inicia o novo ano, sempre segundo a tradição, celebrando a Santa Missa no dia 1º de ja-

neiro no **Auxilium** e, no dia 6, festa da Epifania, na **Casa Geral FMA**.

Encontro importante de janeiro são as **Jornadas de espiritualidade da Família Salesiana**, celebradas este ano em **Barcelona**, Espanha. Inspirando-se na *Estréia*, tiveram como tema: *A experiência de Deus Pai na espiritualidade Salesiana*. Podem-se ver alguns elementos de crônica no n. 5.2 destes ACG. O Reitor-Mor, participando dos trabalhos das Jornadas, oferece o seu comentário à *Estréia* e preside a Eucaristia do domingo, dia 17. Em sua intervenção conclusiva, na manhã do dia 17, o Reitor-Mor sublinha a *novidade do desenvolvimento das Jornadas de Espiritualidade, realizadas este ano fora de Roma. Faz notar que o lugar escolhido, Barcelona, é uma terra particularmente propícia a muitas recordações ligadas a Dom Bosco, ao P. Rinaldi e à Cooperadora Doña Dorotea de Chopitea Serra: o Fundador,*

*um sucessor santo e os Cooperadores.*

No sábado, 16 de janeiro, o Reitor-Mor vai à obra salesiana de **Sarriá**, visitando a casa inspetorial, ampliada e reestruturada, e a Escola Universitária Salesiana. Após o jantar, na casa de **Barcelona-Rocafort** encontra e cumprimenta os salesianos da comunidade e, em seguida, com os participantes da Semana de Espiritualidade, assiste ao espetáculo oferecido pelos jovens alunos/as e ex-alunos/as do instituto salesiano de Barcelona-Sarriá.

Concluídos os trabalhos do Conselho Geral, o Reitor-Mor vai a **Valência, Espanha** – 30 de janeiro a 3 de fevereiro –, para a **celebração centenária** da presença salesiana naquela cidade.

Em Valência, tem um primeiro encontro com os irmãos da Casa “Santo Antão Abade”, de Calle Sagunto. Encontra, depois, os jovens nos ambientes da paróquia Santo Antão, e vai à comunidade dos pós-noviços para a récita de Vésperas, Boa-noite e jantar.

Domingo, 31 de janeiro, o Reitor-Mor é acompanhado à sala de reuniões do Colégio Sagunto, onde encontra um gru-

po de representantes da Família Salesiana; em seguida, vai à igreja paroquial para presidir a celebração eucarística.

Ao final da missa, na sacristia, o Reitor-Mor recebe os cumprimentos de muitas pessoas e várias autoridades, e concede uma breve entrevista ao *Canal 9*, TV local, dirigindo-se depois à pequena praça defronte ao colégio, onde abençoa e inaugura o novo monumento dedicado a Dom Bosco.

À tarde, no Colégio São João Bosco, assiste ao espetáculo teatral organizado pelo grupo *Entre amigos* do Centro Juvenil daquele instituto, com o título *Schindler*, que percorre e retoma a trama do famoso filme sobre o drama dos judeus na última guerra mundial.

O jantar, à noite, é no Colégio Maria Auxiliadora, das FMA, que está a poucas dezenas de metros do Colégio Sagunto.

Segunda-feira, 1º de fevereiro, pela manhã, o P. Vecchi encontra-se com os jornalistas de cinco periódicos: *Levante*, *Las Provincias*, *Europa Press*, *Agencia F* e *Boletim Salesiano*. À tarde, encontra-se com os alunos da última série do Colégio Sagunto e depois, com os professores leigos. Vai, em seguida, ao escritório da coordenação dos Centros

Juvenis, onde fica a sede da federação dos Centros da região de Valência e a confederação de todos os centros da Espanha.

Mais tarde, depois de visitar o cemitério de Benimachet, um bairro de Valência, onde, com outros Salesianos, estão sepultados seis dos mártires salesianos, vítimas da perseguição de 1936, vai ao colégio salesiano de **Burriana**, onde assiste a um espetáculo em sua homenagem, abençoa os ambientes para a catequese paroquial, visita o Centro Juvenil, respondendo, em transmissão direta, a uma série de perguntas que se referem à jornada, às impressões sobre a obra salesiana em Burriana, ao aspecto missionário da Congregação Salesiana.

Terça-feira, 2 de fevereiro, o Reitor-Mor vai a **Zaragoza**. Após uma etapa no santuário de Nossa Senhora do Pilar e na catedral, visita o Arcebispo e, em seguida, vai ao colégio salesiano Nossa Senhora do Pilar, onde encontra os Salesianos, o pessoal docente e os jovens.

À tarde, dirige-se a **La Almunia di doña Godina** onde existem duas comunidades salesianas: o Colégio Salesiano com escolas profissionais para cerca de 600 alunos, dos quais 130 internos, oratório festivo, e a sede

da ADMA, e a Residência Universitária. Depois de visitar todo o complexo escolar e falar com os irmãos, retorna a Zaragoza onde preside, à noite, a Concelebração Eucarística na igreja paroquial.

O Reitor-Mor retorna a Roma na quarta-feira, 3 de fevereiro.

Poucos dias depois, outra viagem ocupa o Reitor-Mor: de 6 a 13 de fevereiro está no **Quênia**, para participar – com alguns Conselheiros – da *Visita de Conjunto* da África de língua inglesa e visitar algumas presenças salesianas daquela região.

Domingo, 7 de fevereiro, em **Nairóbi Upper Hill**, o Reitor-Mor preside a celebração eucarística no santuário dedicado a Maria Auxiliadora.

Pouco antes da missa dá-se a acolhida festiva por parte dos presentes. Ao som da banda do *Savio Youth Centre* de Kamuli, Uganda, o P. Vecchi é acompanhado ao altar, onde recebe as vestes e as insígnias de chefe, segundo os usos e tradições do povo Masai.

À tarde, no santuário transformado em teatro, realiza-se o encontro com espetáculo dos jovens: danças e cantos segun-

do os costumes e tradições locais.

À noite, no salão do santuário, reúnem-se Salesianos, FMA e algumas Cooperadoras para um encontro como Reitor-Mor que, em sua intervenção, dá notícias da Congregação.

Segunda-feira, 8 de fevereiro, o P. Vecchi vai a **Moshi** para cumprimentar os noviços e pós-noviços, que o acolhem festivamente, vestidos com os trajes tradicionais das tribos Masai. Encontra-se, em seguida, com salesianos e alguns cooperadores e cooperadoras, aos quais, depois da troca de cumprimentos, manifesta as impressões que tem visitando as presenças salesianas no mundo.

À noite, o Reitor-Mor retorna a Nairóbi, indo à casa das *Dimesse Sisters Karen*, onde acontece a “Visita de Conjunto”, que se realiza nos dias 8-12 de fevereiro, segundo um calendário que compreende momentos de oração, encontros de assembléia e de grupos.

Na manhã do dia 11, o Reitor-Mor recebe a visita do Bispo de Lilongue, Malauí, Dom Tarcisius Ziyaye, com quem se entretém em colóquio familiar.

À tarde, vai à casa inspetorial de *Upper Hill* onde, no santuário de Maria Auxiliadora, acontece a ordenação diaconal

de nove irmãos. Ordenante é o Núncio Apostólico Dom Tonucci. Após a celebração, o Reitor-Mor vai a *Nairóbi-Utume*, comunidade do teologado internacional, onde dá a Boa-noite e é servido o jantar.

Sábado, 13 de fevereiro, pela manhã, o P. Vecchi preside a Concelebração Eucarística e, à tarde, conclui os trabalhos da “Visita de Conjunto”. À noite, depois da liturgia das Vésperas, entrega a todos os presentes uma corrente com o pingente da África percorrida por uma Cruz. Após o jantar, na sala de televisão, reúne-se para alguns momentos de fraternidade e alegria salesiana.

No sábado, o Reitor-Mor, depois de cumprimentar os participantes da “Visita de Conjunto”, deixa a casa das Irmãs e vai em visita a duas presenças salesianas - escola profissional *Boys' Town* e a obra *Bosco Boys* -, indo, em seguida para o almoço na sede inspetorial das FMA.

Retornando a *Upper Hill*, vai à noite, ao *Kenya National Theatre*, onde participa de um espetáculo com o título *The Witness*, com a finalidade de recolher fundos para bolsas de estudo para jovens capazes e desejosos de estudo, mas pobres e sem meios suficientes. O espe-

táculo é organizado pelos teólogos salesianos de Utume, noviças FMA, jovens de Upper Hill, grupo de jovens da Catedral de Nairóbi e meninas que residem ao redor da casa de noviciado das FMA.

Após o jantar, vai ao aeroporto para retornar a Roma.

Menos de uma semana depois, o Reitor-Mor parte no dia 19 de fevereiro para **Guwahati, Índia**, onde vai pregar os Exercícios Espirituais aos Inspetores e Conselheiros Inspetoriais das oito Inspetorias da Índia, e participar da festa anual do Reitor-Mor, programada este ano naquele País.

Devido a imprevistos nos horários de vôo, o Reitor-Mor fica um dia em Nova Délhi, podendo visitar as casas de *Alaknanda* e *Okhla*.

Chega a Guwahati no domingo 21 de fevereiro e, depois de uma parada na sede inspetorial, visita o bispo salesiano da Diocese, Dom Thomas Menampampil, partindo para Shillong, onde se darão as jornadas de retiro no *Pastoral Centre*. Pelo caminho, detém-se no aspirantado, onde é saudado pela banda e por danças dos aspirantes.

O Reitor-Mor pode visitar,

nas tardes do retiro, várias presenças salesianas ou da Família Salesiana, acolhido em todos os lugares com muita alegria. Vai ao noviciado de *Sunnyside* – 22 de fevereiro – onde, com os noviços, encontra a Madre Geral e algumas irmãs e noviças da congregação fundada por Dom Hubert D’Rosario: *Visitation Sisters of Don Bosco*.

O dia seguinte é dedicado à escola *Fr. Hopewell Helias*, próxima à paróquia do Divino Salvador, e às FMA do *Auxilium Convent*, onde encontra-se com a Inspetora, irmãs, noviças e algumas postulantes.

Quarta-feira, 24 de fevereiro, visita a casa das *Missionary Sisters of Mary Help of Crhistians*, em Peachlands Laitumkhras, onde encontra a Madre Geral com algumas noviças e aspirantes. À noite vai ao *Sacred Heart College* de Shillong, sede do Teologado, para cumprimentar os teólogos e professores.

O almoço do dia 25 é com o Arcebispo de Shillong, Dom Tarcisius Resto Phanrang, salesiano; vai em seguida ao *St. Antony College* para encontrar alguns professores do complexo universitário.

Sexta-feira, 26 de fevereiro, o Reitor-Mor vai ao *Sacred*

*Heart Convent* das FMA no bairro Mawlai onde encontra-se com 317 *Salesian Youth Leaders*. Os jovens acolhem-no com cantos e danças. Em sua comunicação, o Reitor-Mor convida os jovens a valorizarem o dom da vida.

Na manhã do dia seguinte, o Reitor-Mor deixa o *Pastoral Centre* e vai ao *Teologado* onde benze o museu das culturas indígenas, indo depois à *St. Dominich Savio Parish* para a Festa do Reitor-Mor.

O Inspetor P. Dominic Jala faz a saudação aos Bispos presentes e aos participantes da manifestação, dá as boas-vindas oficiais e apresenta o P. Vecchi, traçando o currículo da sua vida. Em seguida têm início os vários números da manifestação. A parte mais importante é ocupada pelas danças dos vários grupos étnicos do nordeste da Índia: Khasi, Adivasi, Tripuri, Mizo, Rongmei, Assamês, executadas por vários grupos dos institutos salesianos ou das Irmãs. O hino a Dom Bosco conclui as manifestações.

À tarde, o Reitor-Mor vai ao *Youth Centre*, onde abençoa a quadra esportiva e descobre a placa comemorativa. Terminado o encontro vai à *Don Bosco Technical School* para encontrar-se com os Irmãos, ao que se

segue a celebração da Eucaristia e o ceia fraterna, seguida de uma breve sessão acadêmica.

Domingo, 28 de fevereiro, o Reitor-Mor está novamente no *Sacred Heart College* para a reunião com os Cooperadores, Ex-alunos e membros do *Bosco Apostolic Group*. Em seguida, no pátio da Paróquia São Domingos Sávio, acontece a celebração da Santa Missa, animada pelos jovens com cantos e danças. Estão presentes cerca de sete mil jovens.

À tarde o Reitor-Mor deixa Shillong para retornar a Guwahati onde, à noite vai ao instituto *Holy Child*.

Segunda-feira, 1º de março, o P. Vecchi celebra a Santa Missa na Casa Geral e sede do juniorato das *Missionary Sisters Mary Help of Christians*. Em seguida, vai à *Don Bosco School*, ao lado da Casa Inspetorial, onde encontra-se com os jovens e professores e, depois, na sede inspetorial, visita os vários setores de animação.

A última visita em Guwahati é à escola de *Maligaon* onde encontra-se com os jovens estudantes. Após o almoço, o Reitor-Mor parte para Nova Délhi, onde visita o *SPCI Centre*, sede dos serviços de animação da Conferência Inspeto-

rial da Índia. Em seguida, no colégio de *Okhla* abençoa os novos equipamentos de mecânica, e conclui a jornada jantando com os irmãos e irmãs FMA de Nova Délhi na casa de *Alaknanda*. Em seguida, retorna a Roma.

Segunda-feira, 8 de março, o Reitor-Mor está na **UPS**, para a festa da comunidade universitária e as comemorações dos vinte e cinco anos da concessão do título de Universidade. Presente às festividades, também, o Presidente da República Italiana, Oscar Luigi Scalfaro.

O Reitor-Mor, no dia 13 de março, vai à sede central das **VDB** em Roma para encontrar a Responsável Maior e o seu Conselho e para abençoar os novos ambientes construídos para a ampliação da sede.

Quinta-feira, 18 de março, P. Vecchi viaja novamente, desta vez a **Munique**, para visitar algumas presenças da Inspetoria da Alemanha Sul e, particularmente, o estudantado filosófico e pedagógico de *Benediktbeuern* e a obra de *Waldwinkel*.

Em Munique, o Reitor-Mor visita o *Salesianum*. Trata-se de uma significativa presen-

ça salesiana, com pensionato para aprendizes e estudantes e oratório. Os jovens estão divididos em grupos de 25 cada, com um responsável que se preocupa também com a sua assistência pedagógica e religiosa.

O Reitor-Mor vai depois à editora *Don Bosco Verlag* onde concede uma entrevista aos responsáveis do *Don Bosco Magazin*, o Boletim Salesiano em língua alemã.

À noite, em **Benediktbeuern** celebra a Santa Missa e, depois do jantar, dá a boa-noite.

Sexta-feira, 19 de março, o Reitor-Mor encontra-se com a imprensa, concedendo uma entrevista aos dois jornais mais difundidos na região: *Süddentsche Zeitung* e *Müncherner Merku*. Visita, em seguida, os vários setores da obra: centro de formação juvenil, instituto de pastoral juvenil, fundação católica Instituto Superior de Assistência Social, consultório psico-pedagógico, Instituto Superior de Teologia e, depois do almoço, o centro para o ambiente e a cultura regional.

Concluindo a visita aos vários setores, o Reitor-Mor encontra-se com o corpo docente e, em seguida, com os estudantes salesianos.

Terminados os encontros, o Reitor-Mor vai à capela para a celebração das Vésperas, dá a boa-noite e vai ao jantar, depois do que, presencia a um espetáculo de cantos, música e outras apresentações muito interessantes.

No dia seguinte, o Reitor-Mor vai a **Waldwinkel**. Celebra a Santa Missa em honra de Dom Bosco, fala a cerca de setenta irmãos da Inspetoria que vieram para encontrá-lo e visita a obra que acolhe alunos deficientes de vários gêneros. No centro, eles aprendem algum trabalho de tipo manual ou também de escritório, de acordo com suas possibilidades.

Retornando a Munique, visita o Arcebispo Card. Friedrich Wetter, indo em seguida ao *Salesianum* para o jantar, ao final do qual os irmãos executam cantos e outros números numa atmosfera de grande alegria.

Domingo, 21 de março, depois de celebrar a Missa na capela da sede inspetorial, retorna a Roma. Como conclusão da visita, é significativo reler as palavras escritas pelo Reitor-Mor no livro das visitas da sede inspetorial: «*A Inspetoria Maria Auxiliadora de Munique (Baviera) demonstra vitalidade*

*pastoral, coesão fraterna e fidelidade ao nosso carisma. Deve fazer frente a uma situação juvenil não destituída de dificuldades quanto à educação e à evangelização. Fá-lo, porém, com novidade de iniciativas e com autêntico espírito salesiano.*

*Agradeço a todos pelos dias transcorridos entre a comunidade e peço ao Senhor que abençoe as pessoas, as iniciativas e aqueles aos quais estas iniciativas se dirigem».*

Retornando a Roma, o Reitor-Mor esteve empenhado nos trabalhos da assim chamada **sessão intermédia do Conselho Geral**, que se realiza nos dias 22 a 31 de março, tendo na ordem do dia, como tema principal, a reflexão conjunta sobre três Regiões Salesianas: Austrália e Ásia, Cone Sul e Intermérica. A finalidade é conhecer sempre mais a fundo a realidade salesiana dessas regiões e individuar orientações e indicações para acompanhar a fidelidade ao carisma e o desenvolvimento da missão nos diversos contextos. Outros temas mais específicos evidentemente acompanharam as reflexões sobre as Regiões.

## 4.2. Crônica do Conselho Geral

A sessão plenária invernal do Conselho Geral – sexta desde o início do sexênio – teve início no dia 1º de dezembro de 1998 e concluiu-se no dia 22 de janeiro de 1999, com 28 reuniões plenárias, acompanhadas de outros encontros de grupos e setores.

Como sempre, o Conselho desenvolveu um intenso trabalho para desobrigar-se das várias práticas vindas das Inspetorias: nomeações de membros de Conselhos Inspetoriais e aprovações de nomeações de diretores, aberturas e ereções canônicas de casas e/ou atividades (contam-se no período a abertura de 5 novas casas, 6 ereções canônicas de casas, 4 encerramentos canônicos), práticas relativas aos irmãos e práticas econômicas e financeiras.

O maior empenho foi em relação aos temas relativos ao governo e animação das Inspetorias e ao estudo de alguns problemas de caráter mais geral que interessavam ao próprio Conselho ou à Congregação em seu conjunto. Apresenta-se à frente um elenco dos principais assuntos.

### 1. Nomeação de Inspetores

Foram numerosas durante a sessão, as nomeações de Inspetores segundo o procedimento usual para este importante serviço: análise cuidadosa da consulta inspetorial, discernimento em sede de Conselho, primeira votação sondagem sobre os principais candidatos, votação definitiva com o consenso do candidato designado. É este o elenco (em ordem alfabética) dos Inspetores nomeados: Bosio Carlos Alberto (Rosário, Argentina), Guijo González José Manuel (América Central), Gustilo Francis (Filipinas Norte), Herrero Sanz Miguel Angel (Bolívia), Inisan Francis, (para a nova Inspetoria unificada da França), La Piana Calogero (Sicília, Itália), Mendes Joaquim Augusto (Portugal), Riva Eugenio (Lombardo-Emiliana, Itália), Smyth Michael (Irlanda e Malta), Swertvagher Camille (África Central), Von Spee Meinolf Graf (Alemanha Nort). Os dados pessoais dos novos inspetores estão no n. 5.5.

### 2. Relatórios sobre visitas extraordinárias

Foram também numerosos nesta sessão, os relatórios de

visitas a inspetorias e circunscrições estudados nesta sessão. O exame dos relatórios – preparados pelos Visitadores – comporta uma reflexão aprofundada por parte do Conselho, a partir dos dados da visita, sobre a realidade salesiana da Inspetoria, a vida das comunidades e a significatividade da missão, o projeto inspetorial e as perspectivas de futuro.

São estas as inspetorias ou circunscrições (em ordem alfabética) cujo relatório de visita foi examinado: Argentina-Rosário, Brasil-Porto Alegre, Coréia, Equador, Alemanha-Munique, Índia-Bombaim, Itália-Vêneto Oeste, Espanha-Valência, Uruguai, Zâmbia-Malauí-Zimbabwe.

### 3. *Aprovação de Capítulos Inspeitoriais*

Continuou-se nesta sessão o exame, com a sucessiva aprovação de acordo com as Constituições, dos documentos – deliberações e eventuais modificações do Diretório – dos *Capítulos Inspeitoriais 1998*, enviados pelas Inspeitorias. Na sessão de junho-julho 1998 já tinham sido aprovados bem 38 Capítulos Inspeitoriais. Nesta sessão, os Capítulos examinados

e aprovados foram 36 (mais um complemento a um Capítulo já visto em julho). O exame dos Capítulos por parte dos Conselheiros comporta sempre o confronto com os nossos textos fundamentais (Constituições, Regulamentos, “Ratio”) e com as indicações e orientações do Capítulo Geral.

### 4. *Relatórios informativos de cada Conselheiro*

Como nas demais sessões plenárias, cada Conselheiro de setor (formação, pastoral juvenil, família salesiana e comunicação social, missões, economia), como também o Reitor-Mor e o seu Vigário, apresentaram um breve relatório das principais atividades realizadas – pessoalmente e em nível de Dicastério – a serviço da animação das Inspeitorias e da Congregação em nível mundial.

Trata-se de “relatórios informativos”, cuja finalidade não é só dar aos Conselheiros uma visão atualizada da caminhada feita em cada setor, mas também ajudar a coordenação e, eventualmente, definir ou fazer brotar alguns pontos particulares que exijam um exame mais profundo por parte de todo o Conselho.

### 5. *Temas de estudo e decisões operativas*

Durante a sessão, ao lado de assuntos relativos às inspetorias e regiões, o Conselho enfrentou alguns temas, ligados mais em geral ao governo e animação da Congregação, com atenção particular à programação do sexênio, e à mesma vida e ação do Conselho. Não faltaram algumas decisões operativas relacionadas com os temas tratados. Apresentam-se os principais assuntos de reflexão.

#### 5.1 *Algumas decisões operativas*

O Reitor-Mor, com o seu Conselho, tomou as seguintes decisões operativas, para uma sempre melhor ação de governo e animação no âmbito das estruturas da Congregação:

a) Reunificação das Inspeorias de Lyon e Paris numa *única Inspeoria Francesa*, intitulada a “São Francisco de Sales”, com sede em Paris. A ereção da nova Inspeoria chega à conclusão de um caminho de discernimento e recolocação, que envolveu diretamente as duas inspeorias francesas, com ampla consulta aos irmãos.

b) Orientação positiva para a

subdivisão da Inspeoria de Madras, Índia, e a constituição de uma nova circunscrição no *Sud Tamil Nadu*. A orientação é fruto, também, do estudo do crescimento da Congregação naquela região e dos resultados da consulta feita entre os irmãos. A decisão definitiva será tomada numa sessão posterior.

c) Aprovação da *Delegação Inspeitorial para a Albânia*, dependente da Inspeitorial Meridional de Nápoles, para favorecer a ordenação e animação das presenças salesianas naquele País.

#### 5.2 *Plano de renovação e relançamento do Boletim Salesiano no mundo.*

Continuando o exame do projeto para a *renovação e relançamento do Boletim Salesiano no mundo* em suas diversas edições e línguas, o Conselho Geral deu o próprio consentimento a um conjunto de propostas concretas elaboradas e apresentados pelo Dicastério para a Comunicação Social. As propostas retomam e traduzem em decisões operativas as linhas já indicadas nas sessões anteriores (cf. particularmente o que foi indicado em ACG 365, n. 4.2, págs. 84-85).

5.3 *Promoção da imagem, relações públicas, escritório de imprensa.*

Retomando um dos pontos da programação do sexênio, já considerado em suas linhas gerais quando foi proposto o plano de renovação da *Agência de Notícias Salesianas*, o Conselho – seguindo a apresentação do Conselheiro para a Comunicação Social – providenciou a melhor definição, com indicações operativas concretas, do *escritório de imprensa e relações públicas*, a serviço da Direção Geral – particularmente do Reitor-Mor e do seu Conselho – com tarefas específicas de “promoção da imagem institucional” e de “representação qualificada” (*porta-voz*) da Congregação.

5.4 *Estrutura do Governo Central*

Continuando o estudo do tema relativo às estruturas de governo em nível central, segundo as indicações recebidas do CG24 (n. 191), o Conselho Geral examinou as reflexões feitas até agora (cf. ACG 361, n. 4.2 e ACG 365, n. 42.2) através de uma sondagem de orientação, para definir melhor as linhas em que continuar o discernimento,

interpelando também as Inspetorias, em vista do próximo Capítulo Geral.

5.5 *Sugestões para o ano 2000: “momento salesiano”*

Ao aproximar-se do grande Jubileu de 2000, o Conselho interrogou-se se – além do que já foi indicado sobre o nosso envolvimento primário nas próprias Igrejas locais e em alguns momentos em nível de Congregação, já programados – não seja oportuno que tenhamos como Salesianos, um momento comunitário significativo. Examinaram-se várias propostas, concluindo-se que se tem como útil um momento comunitário, entendido como momento de forte interioridade, que envolva a todos pessoal e espiritualmente, inserido na caminhada que a Congregação e cada Inspetoria já está fazendo, em aplicação ao CG24, sobretudo na vertente da espiritualidade (veja-se, neste número de ACG, a comunicação do Reitor-Mor no n. 2.1).

5.5 *Projetos de adequação do Colle Don Bosco*

O Conselho Geral examinou alguns projetos para a adequação da estrutura do Templo

de Dom Bosco nos Becchi, que se tornam necessários e oportunos, para que a Igreja dedicada ao nosso Pai seja sempre mais acolhedora em relação aos jovens e peregrinos que vêm à sua terra natal. Os trabalhos referem-se a algumas adequações estruturais, sobretudo na igreja superior, e a algumas decorações, para as quais se pode usufruir da herança de um benfeitor.

#### 5.7 *Pertença à Família Salesiana do grupo "Testemunhas do Ressuscitado em caminho para o 2000"*

O Conselho, de acordo com a documentação apresentada pelo Conselheiro para a Família Salesiana, deu parecer positivo para o reconhecimento de pertença à Família Salesiana da Associação leiga *Testemunhas do Ressuscitado em caminho para o 2000* (cf. n. 5.3 do presente número dos ACG).

#### 6. *Reunião conjunta dos Conselhos Gerais FMA e SDB*

À tarde de 12 de janeiro, na casa Geral dos Salesianos, aconteceu o encontro periódico dos dois Conselhos Gerais dos

SDB e das FMA, cuja tema, concordado anteriormente, referia-se a um argumento de interesse recíproco: *A proposta vocacional*.

Apresentando a saudação no início do encontro, o Reitor-Mor, depois de sublinhar o aspecto positivo destas reuniões que nos fazem crescer na fraternidade e na colaboração recíproca, evidenciou a atualidade e importância do tema vocacional, muito sentido na Igreja e nos Institutos masculinos e femininos, no qual o CG24 desejou uma colaboração mais intensa na Família Salesiana.

Os trabalhos foram articulados em dois momentos:

- Apresentação da reflexão atual e da pastoral vocacional atuada nos dois institutos, feita pelos Conselheiros para a Pastoral Juvenil, respectivamente Ir. Georgina McPake, e P. Antonio Domenech;
- Diálogo em assembléia sobre os seguintes pontos: 1) Jovens e vocações: caminhos de resposta aos desafios; 2) Colaboração entre FMA e SDB no âmbito da pastoral vocacional; 3) Propostas concretas.

O diálogo foi muito rico, com algumas propostas que os dois Conselhos se propõem a ter presentes em vista de uma maior colaboração neste impor-

tante empenho da missão salesiana.

Outros momentos significativos foram a jornada de retiro espiritual em 13 de janeiro, animado pelo prof. P. Manlio Sodi, da nossa Universidade, e uma

meia jornada – na manhã do dia 7 de janeiro – de estudo e reflexão sobre a Encíclica pontificia *Fides et ratio*, acompanhados por Dom Rino Fisichella, Bispo Auxiliar de Roma, e pelo Prof. Gaspare Mura, docente na Universidade Lateranense.

### 5.1 Mártires da nossa Família

João Paulo II beatificará em Varsóvia, por ocasião da próxima visita à Polônia, no dia 13 de junho, 108 Mártires da Igreja daquela Nação. Os martírios ocorreram nos anos 1939-1945. Entre eles há também um salesiano, *P. Józef Kowalski*, secretário inspetorial, morto no campo de concentração de Auschwitz em 4 de julho de 1942, após ter-se recusado a pisotear o terço. Dele existem abundantes e preciosos testemunhos “de visu”, que nos permitem conhecer as vicissitudes do seu martírio também nos particulares.

Fazem também parte do mesmo grupo de mártires *cinco jovens do nosso Oratório salesiano de Pozan*: Czeslaw Józniak (22 anos), Edward Kazmierski (22 anos), Franciszek Kesi (21 anos), Jarogniew Wojciechowski (20

anos), que eram zelosos e corajosos animadores. Depois de terem sido aprisionados e transferidos de um campo a outro, foram condenados à morte em 1º de agosto e guilhotinados em 24 de agosto de 1942 no pátio da prisão de Dresden. Possuímos, também deles, testemunhos preciosos dos quais emergem personalidades espiritualmente robustas, verdadeiros modelos para os nossos jovens.

### 5.2 Jornadas de Espiritualidade da Família Salesiana (XXI encontro)

De 15 a 17 de janeiro de 1999, na casa salesiana *Dom Bosco – Martí Codolar* em Barcelona (Espanha), realizaram-se as *Jornadas de Espiritualidade para a Família Salesiana*. Era a 21ª edição desse significativo encontro espiritual. As jornadas, organizadas e preparadas pelo

Dicastério para a Pastoral Juvenil nas pessoas do Conselheiro P. Antonio Domenech e seus colaboradores, puderam contar com a presença de 10 grupos da Família, com cerca de 130 participantes, em sua maioria da Europa. Os participantes tiveram em mãos o texto das intervenções em língua italiana e espanhola, deixando para depois do encontro a edição do volume, que será enriquecido com os resultados do diálogo com os relatores e dos trabalhos de grupo.

O tema, centrado na "Estréia 1999": *Voltemo-nos para Ele com amor de filhos para sermos com os jovens construtores de solidariedade fraterna*, propunha um confronto sobre a *espiritualidade inspirada no carisma salesiano*, na ótica da reflexão sobre *Deus Pai* que empenha a Igreja neste terceiro ano do triênio de preparação imediata ao Jubileu.

O encontro foi aberto na tarde de 15 de janeiro, com a apresentação do *comentário à Estréia* feito pelo Reitor-Mor, com o auxílio de 21 quadros

que resumiam o conteúdo projetados e ilustrados por ele em assembléia. O comentário apresenta Deus Pai na revelação progressiva que encontra em Cristo o seu evento decisivo, para indicar a caminhada humana como peregrinação ao Pai, no qual assume um significado preciso a caminhada salesiana para o Pai e o dom da paternidade/maternidade educativa, que envolve a nós, aos jovens, à família humana numa rede de solidariedade pelo Reino.

A jornada do dia 16 foi iniciada com a Eucaristia presidida pelo Reitor-Mor, com uma viva homilia feita e compartilhada com a assembléia pelo P. Antonio Martinelli, Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social. Os trabalhos de assembléia foram abertos com duas relações sobre temáticas ligadas à Estréia. Na primeira, *A face de Deus na espiritualidade e na pedagogia salesiana*, o salesiano P. Aldo Girauda, docente de Teologia Espiritual na Universidade Pontifícia Sale-

siana, seção de Turim-Crocetta, ofereceu o quadro histórico, carismático e espiritual. Na segunda, *A face de Deus revelada por Jesus*, o também salesiano P. Luis Gallo, docente de Temas Teológicos em âmbito pastoral na UPS de Roma, ofereceu o suporte bíblico e teológico ao tema do Pai. Seguiram-se trabalhos de grupos e diálogo com os relatores em assembléia.

À tarde deu-se uma série de intervenções dos representantes de grupos da Família Salesiana, que propuseram uma leitura do carisma específico de alguns grupos à luz do dom de Deus Pai. Intervieram: P. Antonio Domenech, SDB, Conselheiro para a Pastoral Juvenil; Ir. Maria de los Angeles Contreras, FMA, Conselheira para a Família Salesiana; Sr. Emilio Pascual, Coordenador nacional dos Cooperadores Salesianos da Espanha; Srta. Dora Pandolfi, Conselheira mundial para a Formação das VDB; Ir. Eulalia Marin R., das Filhas dos Sagrados Corações; Ir. Puspha Kottuppallil, das

Irmãs Missionárias de Maria Auxiliadora; Srta. Concetta Apolito Zecchino, Conselheira da Confederação das Ex-alunas/os FMA; P. Rafael Mata, SDB, da ADMA da Espanha; Sr. Antonio G. Pires, Presidente da Associação dos Ex-alunos/as SDB.

A temática foi aprofundada na segunda parte da tarde de sábado, com a relação do P. Jesús Manuel García, SDB, docente de Teologia Espiritual na UPS de Roma, com o título *Educar hoje à experiência e relação com Deus*, que ofereceu uma atualização pedagógica e psicológica do tema principal. Também neste caso, a série de testemunhos e a relação em aula foram objeto de aprofundamento especial nos trabalhos de grupo.

Após a Eucaristia do domingo, 17 de janeiro, presidida pelo Reitor-Mor, houve em assembléia, o diálogo dos participantes com o Prof. García; em seguida, a Ir. Josefina Culla, FMA, apresentou a experiência concreta do “Casal” de Martí Codolar, de caminho formativo com os jovens.

O Reitor-Mor concluiu o encontro com uma síntese que ofereceu as linhas fundamentais da reflexão feita, reafirmando o valor do patrimônio carismático e espiritual de Dom Bosco e da Família que dele teve origem, e convidando toda a Família salesiana em suas várias ramificações e expressões a encarná-lo neste ano sob o perfil de uma fecunda paternidade/maternidade espiritual. Observou também o sucesso do encontro, que pela primeira vez foi realizado não em Roma, mas no contexto acolher de Barcelona.

Como sempre, as jornadas foram caracterizadas, além do aprofundamento espiritual, também com momentos de oração e fraternidade.

### **5.3 Reconhecimento de pertença à Família Salesiana do Grupo “Testemunhas do Ressuscitado a caminho de 2000” (TR 2000)**

Ao Sr. Agostino Aversa  
Coordenador Geral TR 2000  
Sorrento

Sr. Agostino Aversa,

Com satisfação pessoal, faço-lhe chegar, na qualidade de Coordenador Geral, esta carta que comunica o oficial *reconhecimento de pertença* do TR 2000 à Família Salesiana de Dom Bosco.

Participo convosco da alegria de saber-vos no interior do vasto movimento que teve origem em Dom Bosco.

Coube-me, como Reitor-Mor, acolher-vos.

Refletimos, com todos os meus Irmãos do Conselho Geral, na reunião de 21 de janeiro de 1999, sobre a vossa identidade, como nos foi possível perceber da documentação que nos enviastes; sobre o já múltiplo empenho que manifestais em diversas atividades; sobre a particular acentuação que colocais na dimensão pascal da espiritualidade salesiana, chegando a dar um parecer positivo ao pedido que me fora dirigido, de pertencer à Família Salesiana.

*Pertença à Família Salesiana de Dom Bosco*

Proponho-lhe novamente alguns aspectos que derivam do reconhecimento de pertença.

Quase como comentário dos artigos 11 e 30 do vosso Estatuto: «O Movimento TR 2000 tem na Congregação Salesiana um ‘vínculo de união seguro e estável’, apresento um texto, que se tornou familiar entre nós, e que apresento integralmente:

*Art. 9 da Carta de Comunhão na Família Salesiana de Dom Bosco – O Reitor-Mor centro de unidade.*

«A pertença origina-se da comunhão e consolida-se numa comunhão cada vez mais profunda. Não é um sentimento vago que reconhece laços instáveis e distantes. É, ao invés, um impulso do espírito que tende à unidade e procura expressões concretas, por vezes até institucionalizadas, para um relacionamento e uma colaboração operativos.

Como interessa muitos grupos e suas autônomas ori-

ginalidades, a pertença à Família Salesiana necessita de um centro vital que atualize a referência ao Fundador, ao espírito comum, à própria missão.

O centro que garante a unidade é, no pensamento de Dom Bosco, o Reitor-Mor. Nele todos reconhecem um tríplice ministério de unidade: é sucessor de Dom Bosco, é Pai de todos, é centro de unidade da Família.

O Reitor-Mor é sucessor de Dom Bosco, e um vínculo ininterrupto o prende à sua pessoa e o torna idôneo a representá-lo hoje de maneira viva.

É o centro de unidade de toda a família. Oferece, com efeito, o exemplo e o ensinamento que garantem a fidelidade ao espírito e o estímulo à participação no carisma salesiano. Sua função é animadora e promotora: tece a unidade e garante, na variedade das vocações específicas, a fidelidade ao espírito e a coordenação das iniciativas. Não é, a sua, uma tarefa de governo; é, antes, um serviço vital de animação.

O Reitor-Mor é o pai de todos os que colaboram na missão de Dom Bosco. Ele dilata o espaço da sua paternidade, que permanece para ele, como foi para Dom Bosco, uma característica essencial. A paternidade exige bondade, sentido de responsabilidade diante do crescimento de cada um, guia na fidelidade carismática, empenho pela fecundidade da vocação salesiana em todas as suas expressões. 'O vosso Reitor cuidará de vós e da vossa eterna salvação', deixou escrito Dom Bosco».

Em linha com o espírito salesiano e a espiritualidade que tem em Dom Bosco o mestre e o guia, encontrareis na pessoa do Reitor-Mor aquele que vos poderá acompanhar, encorajar, apoiar.

*Dom Bosco precisa de leigos empenhados*

Sois uma associação de leigos.

Parece uma afirmação tão evidente que não precise ser lembrada.

Do ponto de vista espi-

ritual e da organização, é oportuno ter clareza sobre isso.

Início com este segundo aspecto: sois leigos, organizai-vos como leigos, vivais como leigos.

Temos, na experiência salesiana, um único caso em que os leigos se referem também do ponto de vista da organização, a um presbítero ordenado, em concreto ao Reitor-Mor: os Cooperadores Salesianos.

O próprio Reitor-Mor, depois, demanda à Consulta Mundial dos Cooperadores, ao Coordenador Mundial, aos Coordenadores Inspetoriais e Locais a gestão concreta da organização associativa, para deixar ao sacerdote salesiano, como delegado, a preocupação da formação ao espírito e à espiritualidade salesiana; da formação dos dirigentes à espiritualidade típica da ação; da formação salesiana dos membros da Associação.

Com maior razão, isso tudo faz parte da vida de uma associação de leigos, como a vossa.

Não pergunteis o que os Salesianos podem fazer por vós, mas sim o que vós podeis oferecer ao desenvolvimento do espírito de Dom Bosco no mundo.

A isso tende toda a Família Salesiana.

Cada grupo, pelo impulso do Espírito Santo, dará a própria contribuição original, relacionada aos diversos dons de que cada um se faz portador.

Neste sentido, todos os momentos formativos organizados pela Família Salesiana, vejam-vos participantes e doadores generosos!

Penso, no momento, também em vossa participação no interior das iniciativas de Pastoral Juvenil da Família Salesiana, para não dispersar forças e multiplicar compromissos.

Sei que sois profissionais afirmados. Foi-me dito que sois organizados também como associação de voluntariado. Estais trabalhando para exportar a vossa organização para fora dos limites da Itália. Não está ausente o espírito missionário.

Alegro-me com as metas já alcançadas.

Gostaria de estimular-vos nesse caminho, organizando-vos de modo suficiente para um desenvolvimento que vos veja, os leigos, protagonistas do que estais realizando.

Pelo conhecimento direito que tenho do P. Sabino Palumbieri, posso imaginar o seu esforço colocado na formação, particularmente, dos responsáveis locais e nacionais.

Vós, leigos, deveis estar-lhe ao lado e, numa boa dose, substituí-lo.

Cresce, assim, uma associação de leigos!

Refiro-me, agora, à dimensão espiritual.

Li em vosso Estatuo os muitos elementos espirituais que não entendo repetir ou aprofundar.

Interessa-me, porém, recordar-vos o apelo da Exortação Apostólica sobre a “vida consagrada”, nos números 54 e 55.

«Um dos frutos da doutrina da Igreja como comu-

nhão, nestes anos, foi a tomada de consciência de que os seus vários membros podem e devem unir as forças, numa atitude de colaboração e permuta de dons, para participar mais eficazmente na missão eclesial.

Isto concorre para dar uma imagem mais articulada e completa da própria Igreja, para além de tornar mais eficiente a resposta aos grandes desafios do nosso tempo, graças ao concurso harmonioso dos diversos dons.

(...) Não raras vezes, a participação dos leigos traz inesperados e fecundos aprofundamentos de alguns aspectos do carisma, reavivando uma interpretação mais espiritual do mesmo e levando a tirar daí indicações para novos dinamismos apostólicos.

Em qualquer atividade ou ministério que estejam empenhadas, as pessoas consagradas lembrem-se de que hão de ser primariamente guias especializados de vida espiritual, e, nesta perspectiva, cultivem “o talento mais precioso: o espírito”.

Os leigos, por sua vez, ofereçam às famílias religiosas a ajuda preciosa da sua secularidade e do seu serviço específico.».

São palavras empenhativas para todos: para nós e para vós.

Coloquemo-nos, pois, em ação para realizá-las.

De vossa parte, saibais olhar, operativamente, para os grupos leigos da Família Salesiana, com os quais estabelecer relações e construir comunhão.

#### *A contribuição espiritual específica da Associação TR 2000 à Família Salesiana*

A explícita referência ao artigo 14 do Estatuto:

«Os aderentes ao Movimento acolham a dimensão do carisma de Dom Bosco promovendo e encarnando:

- a espiritualidade da alegria pascal;
- a atenção privilegiada aos jovens;
- o empenho em viver cada qual na própria situação a caridade pastoral e o zelo do Reino de Deus;

• a fraternidade ativa para construir a família», seja a contribuição mais significativa a oferecer aos Grupos da Família Salesiana.

A “Via Lucis” e o ícone dos “discípulos de Emaús” são para vós conteúdo de espiritualidade e metodologia de trabalho.

Espera-se, pois, da Associação TR 2000 uma proposta concreta de espiritualidade da ação no estilo de Dom Bosco, iluminada pela luz da Páscoa.

Não faltam referências diretas de Dom Bosco à Páscoa, na experiência recolhida nas *Memórias Biográficas*.

Algumas Semanas de espiritualidade da Família Salesiana tocaram o tema.

Uma apresentação mais completa de dados, vividos e recolhidos das várias experiências poderia representar um dom que a Associação oferece a toda a Família de Dom Bosco.

Ajudaria a entender sempre melhor a inspiração ‘salesiana’ da nossa espiritualidade: refiro-me a São Francisco de Sales.

Poderia acompanhar o momento da cultura atual, para superar desânimos e temores, visões reduzidas e fechamentos infrutuosos.

Completaria a reflexão feita pela Família Salesiana, com passos significativos, no aprofundamento da espiritualidade da Páscoa.

*Cuidai da “salesianidade” da Associação*

Em concreto, quer dizer:

- conhecimento vivo e pessoal de Dom Bosco, da sua obra apostólica, da sua visão espiritual;
- conhecimento operativo do Sistema Preventivo de Dom Bosco: razão, religião e carinho. Os termos do trinômio salesiano já foram aprofundados muitas vezes pelos Capítulos Gerais. O Papa, na carta que escreveu ao P. Egídio Viganò em 1988, por ocasião dos 100 anos da morte de Dom Bosco, ofereceu à Igreja uma rica meditação sobre o Sistema Preventivo;
- conhecimento dos elemen-

tos constitutivos do espírito salesiano, que se encontram na base da sincera e segura comunhão com todos os Grupos que compõem a Família de Dom Bosco;

- visão educativa e cultural dos problemas que interessam, positiva e negativamente, a condição dos jovens de hoje, no mundo contemporâneo e no contexto concreto em que vivem e agem;
- busca constante da comunhão entre todos os Grupos, para um intercâmbio recíproco de dons, critérios e experiências.

Sr. Agostino,

peço-lhe que apresente aos membros da Associação, com o conteúdo da presente carta, a minha mais afetuosa saudação.

Aproveito a ocasião das próximas festas para os votos que o senhor e os Sócios sabiam viver em profundidade o mistério da Ressurreição, com Maria, Mãe do Ressuscitado e da Igreja da Páscoa, em cuja solenidade tenho a

alegria de comunicar-lhe a pertença à Família Salesiana.

Roma, 25 de março de 1999  
Solenidade da Anunciação a Maria

P. Juan E. Vecchi  
*Reitor-Mor*

#### 5.4 Decreto de ereção canônica da Inspeção “São Francisco de Sales” da França

*Prot. n° 058/99*

O abaixo-assinado  
**P. Juan E. VECCHI,**  
Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco,

- considerando a situação das presenças e obras salesianas no território da França, subdividido no momento nas Inspeções “São Francisco de Sales”, com sede em Lyon, e “São Dionísio”, com sede em Paris;
- tendo ouvido os dois Inspectores com os respectivos Conselhos e levando em

- conta os resultados da consulta promovida entre os irmãos das duas Inspetorias;
- com referência ao artigo 156 das Constituições;
  - obtido o consenso do Conselho Geral na reunião de 16 de dezembro de 1998, de acordo com os artigos 132 §1,1 e 156 das Constituições

### *ERIGE CANONICAMENTE*

por meio do presente Decreto, a **INSPETORIA SALESIANA da França, intitulada a "SÃO FRANCISCO DE SALES", com sede em Paris, casa "São Francisco de Sales", resultante da unificação das duas Inspetorias de Lyon e Paris**, compreendendo portanto todas as Comunidades que, atualmente, fazem parte das Inspetorias citadas acima, com os irmãos nelas inscritos:

- ARGENTEUIL, "S. João Maria Vianney"  
 BAILLEUL, "S. Paulo"  
 BINSON, "Beato Urbano II"

- CAEN – Couvrechef, "B. Filipe Rinaldi"  
 CAEN – Lemonnier, "Jesus Operário"  
 CAEN – S. Francisco de Sales, "S. Francisco de Sales"  
 CHAMBÉRY, "Sagrado Coração de Jesus"  
 COATAN DOC'H – Dom Bosco, "S. João Bosco"  
 COAT AN DOC'H – Dom Rua, "B. Miguel Rua"  
 ESTRASBURGO, "S. João Bosco"  
 FONTES, "Ss. Vicente e Isidoro"  
 GIEL, "B.M.V. do Sagrado Coração de Jesus"  
 GRADIGNAN, "S. Francisco Xavier"  
 GRENTHEVILLE, "Sagrado Coração de Jesus"  
 KÉNITRA (Marrocos), "Cristo Rei"  
 LA CRAU, La Navarre, "S. José"  
 LANDSER, "S. João Bosco"  
 LES HOUCHES, "S. João Bosco"  
 LYON – Bon Secours, "Nossa Senhora do Socorro"  
 LYON – Fourvière, "S. João Bosco"

LYON – Minimes, “Nossa Senhora dos Mínimos”

MARSELHA, “S. Leão”

MONTESSON, “Maria Assunta”

MONTPELLIER – Paróquia, “S. João Bosco”

MONTPELLIER – Residência, “S. João Bosco”

MULHOUSE, “S. João Bosco”

NICE – Don Bosco, “S. Pedro”

NICE – N. S. Auxiliadora, “Maria Auxiliadora”

NOISY-LE-SEC, “S. Estêvão”

OUISTREHAM, “S. João Bosco”

PARIS – Aligre, “S. João Bosco”

PARIS – Monte Cristo, “S. Ana”

PARIS – Pyrénées, “S. Francisco de Sales”

PARIS – Residência Dom Bosco, “S. João Bosco”

POUILLE, “S. João Bosco”

RABAT (Marrocos), “Maria Auxiliadora”

RESSINS, “S. Estêvão”

SAINT-DIZIER, “Maria Imaculada”

ST. GENIS LAVAL, “S. Isidoro”

TOULON – Bon Accueil, “S. Família”

TOULON – Residência, “S. João Bosco”

YVERDON (Suíça), “S. Pedro”

Fica estabelecido quanto segue:

1. Pertencem à Inspeção os irmãos que, na data da ereção canônica, vivem e trabalham nas Casas salesianas acima indicadas;

2. Pertencem-lhe também os irmãos em formação das preexistentes duas Inspetorias de Lyon e Paris e outros irmãos das mesmas Inspetorias que, no ato da ereção canônica, se encontrem fora da Inspeção por motivos de estudo, saúde, trabalho ou outro.

Para tudo o mais valem as normas estabelecidas pelas Constituições e pelos Regulamentos Gerais.

O presente Decreto entrará em vigor no dia 15 de agosto de 1999.

Roma, 31 de janeiro de 1999.

P. Juan E. VECCHI  
*Reitor-Mor*

P. Francesco Maraccani  
*Secretário Geral*

## 5.5. Novos Inspetores

**Apresentam-se alguns dados sobre os novos Inspetores, nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho na sessão invernal – dezembro de 1998 – janeiro de 1999.**

*1. BOSIO Carlos Alberto, Inspetor de Rosário (Argentina)*

Sucede ao P. Juan Cantini como Inspetor da Inspetoria “N. S. do Rosário” com sede em Funes, Santa Fé, Argentina.

Nascido em 26 de maio de 1955 em Vignaud (Córdoba), Argentina, professou em 31 de janeiro de 1974, em Manucho. Professo perpétuo em 1979, fez os cursos teológicos e foi ordenado sacerdote em Colonia Vignaud, sua terra natal, em 24 de maio de 1985. Completou os estudos em campo civil, obtendo o título de professor de química.

Depois de um período passado na casa de Vignaud, como professor e educador, foi chamado em 1991 a fazer parte do Conselho Inspetorial e,

no ano seguinte, enviado ao pós-noviciado de Funes, do qual foi diretor por três anos (1993-1995). Foi nomeado diretor de Fontana – residência dos estudantes de teologia – onde esteve por um ano. Em 1996 foi nomeado Mestre dos noviços no noviciado inter-inspetorial de Ramos Mejía, cargo que ocupava até à nomeação como Inspetor.

*2. GUIJO GONZALES José Manuel, Inspetor da América Central*

Sucede ao P. Heriberto Herrera como Inspetor da Inspetoria da América Central.

Nascido em 4 de agosto de 1933 em Pinedas (Salamanca), Espanha, professou em 16 de agosto de 1950 em San José del Valle. Partiu em seguida para a Inspetoria da América Central. Fez os estudos filosóficos em El Salvador; depois do tirocínio frequentou a teologia no estudantado da Guatemala, onde foi ordenado sacerdote em 15 de agosto de 1960. Con-

seguiu também a licença em Letras.

Recebeu vários encargos de responsabilidade: diretor do pós-noviciado da Guatemala (1965-1970), diretor da casa de Guatemala-Dom Bosco (1970-1973), Conselheiro Inspetorial (1973-1976), Vigário Inspetorial (1976-1982), diretor em Manágua (Nicarágua) de 1983-1989, e membro da equipe do Centro Regional de formação permanente em Quito (Equador). Em 1998, retornando à Inspetoria, fora nomeado diretor do Técnico de San José, na Costa Rica.

### 3. *GUSTILO Francis, Inspetor das Filipinas Norte*

Sucede ao P. Luciano Capelli como Inspetor da Inspetoria "São João Bosco" com sede em Makati, Manila, Filipinas Norte.

Nascido em 3 de dezembro de 1953 em San Juan (Rizal), Filipinas, professou em 1º de maio de 1972, em Canlubang, onde fizera o noviciado. Após o curso filosófico e o tirocínio fez os cursos

teológicos em Parañaque, Metro Manila, e foi ordenado sacerdote em Manila, no dia 7 de dezembro de 1979. Conseguiu o bacharelado em teologia e, em campo civil, o B.A. em matemática.

Após a ordenação esteve empenhado na missão educativa. Em 1985 foi destinado ao estudantado de Parañaque como professor e formador e, em 1987, foi inserido no Conselho Inspetorial. Foi diretor da Editora Salesiana de Makati de 1990 a 1993, quando foi nomeado Vigário Inspetorial, cargo que ocupava até agora.

### 4. *HERRERO SANZ Miguel Angel, Inspetor da Bolívia.*

Sucede ao P. José R. Iriarte como Inspetor da Inspetoria da Bolívia.

Nascido em 7 de dezembro de 1945 em Rapariegos (Segovia), Espanha, professou em 16 de agosto de 1962, em Arbós, onde fizera o noviciado. Pouco depois da profissão partiu para a Inspetoria da Bolívia, que iniciava naqueles anos como Inspetoria

autônoma. Fez os estudos teológicos em Santiago do Chile, onde recebeu os ministérios e o diaconato. Foi ordenado presbítero em Salamanca (Espanha) em 2 de abril de 1972.

Retornando à Bolívia, foi educador e animador em várias comunidades. Em 1991 foi nomeado diretor do pré-noviciado de Cochabamba-Fátima, cargo que ocupou até 1995. Em 1993 foi inserido no Conselho Inspetorial e, por um ano, foi também secretário inspetorial. Desde 1995 era diretor da casa “Dom Bosco” de Cochabamba-Quintanilla.

##### 5. *INISAN Joseph, Inspetor da Inspetoria da França*

Foi nomeado como primeiro Inspetor da Inspetoria “São Francisco de Sales”, que reúne as duas Inspetorias de Lyon e Paris a partir de 15 de agosto de 1999.

Nascido em 10 de março de 1940 em Morlaix, França, professou em 4 de setembro de 1960 em Dormans, onde fizera o noviciado. Fez

os estudos teológicos em Lyon, e recebeu a ordenação sacerdotal em Coat-an-doc’h em 20 de dezembro de 1969. Além da licença em Teologia, conseguiu também a licença em Letras.

Foi chamado logo a encargos de responsabilidade: diretor de Paris-Retrait (1973-1982), diretor da casa “Dom Bosco” de Coat-an-doc’h (1982-1991). Em 1995 foi inserido no Conselho Inspetorial. Ao final do directorado em Coat-an-doc’h foi enviado por dois anos a Lyon-Fourvière, e estava em Paris desde 1994 como encarregado da comunicação social e, nos últimos anos, do Boletim Salesiano francês.

##### 6. *LA PIANA Calogero, Inspetor da Inspetoria Sícula*

Sucede ao P. Giuseppe Troina como Inspetor da Inspetoria da Sicília. Nasceu em 27 de janeiro de 1952 em Riesi (CL), professou em 12 de setembro de 1974, em Lanúvio, onde fizera o noviciado. Fez os estudos filosóficos em Messina e, depois do

tirocínio, a teologia no “São Tomás” de Messina. Foi ordenado sacerdote em sua cidade natal no dia 8 de agosto de 1981. Completou os estudos eclesiais obtendo o doutoramento em teologia.

Foi-lhe confiado o serviço de professor e formador no Instituto Teológico de Messina, do qual foi nomeado diretor em 1989, tendo afixado por nove anos, até à nomeação como Inspetor.

#### 7. MENDES Joaquim Augusto, Inspetor de Portugal

Sucede ao P. Simão Cruz como Inspetor da Inspeção “Santo António” de Portugal.

Nascido em 14 de março de 1948 em Castelões de Cepeda (Diocese do Porto), professou em 16 de janeiro de 1975, em Manique, onde fez o noviciado. Ao final dos estudos teológicos foi ordenado presbítero em Lisboa no dia 24 de julho de 1983. Coorou os estudos com a licença em Teologia Espiritual

Esteve empenhado na missão educativa e pastoral

nas comunidades de Mogofores (1984-1988) e do Porto-Colégio Dom Bosco (1988-1990). Em 1990 foi nomeado diretor do pré-noviciado do Porto. Em 1993 retorna como diretor ao Colégio Dom Bosco do Porto. Desde 1996 era membro do Conselho Inspeção.

#### 8. RIVA Eugenio, Inspetor da Inspeção Lombardo-Emiliana

Sucede ao P. Francesco Cereda como Inspetor da Inspeção “S. Carlos Borromeo” com sede em Milão.

Nasceu em 29 de dezembro de 1950 em Treviglio (BG), onde os salesianos têm uma florescente obra escolar e oratoriana. Professou em 16 de agosto de 1968, em Missaglia (CO), onde fez o noviciado. Fez os estudos filosóficos em Nave (BS) e frequentou o curso de teologia, conseguindo a licença em Teologia. Foi ordenado sacerdote em Treviglio no dia 27 de maio de 1975. Completou os estudos conseguindo o doutoramento em

Filosofia e a habilitação ao ensino.

Foi destinado ao serviço de professor e formador no pós-noviciado de Nave, do qual foi Coordenador dos estudos por vários anos. Em 1994 foi nomeado diretor da casa de Treviglio e, em 1997, eleito Conselheiro Inspetorial. Participou como delegado do CG24.

9. *SMITH Michael, Inspetor da Irlanda*

Sucede ao P. John Horan como Inspetor da Inspetoria “*São Patrício*” da Irlanda.

Nascido em 1º de agosto de 1941 em Enniskillen (Fermanagh), professou em 8 de setembro de 1958, em Burwash, onde fizera o noviciado. Depois do tirocínio, foi enviado ao estudantado de Bollengo (Itália) para o curso teológico. Foi ordenado presbítero em Warrenstown em 29 de junho de 1968.

Trabalhou em várias casas da sua Inspetoria e, em 1978, foi inserido no Conselho Inspetorial. Em

1980 foi nomeado diretor de Ballinakill, onde esteve até 1983 quando foi enviado – como diretor – ao estudantado de Maynooth. Em 1984 foi nomeado Vigário do Inspetor, cargo que ocupou até 1990; desde 1986 era também diretor de Celbridge. Em 1991 foi eleito diretor de Limerick por um sexênio, ocupando nos últimos anos também o cargo de pároco. Desde 1997 estava na “Don Bosco House” de Dublin.

10. *SWERTVAGHER Camille, Inspetor da África Central*

Sucede ao P. Mario Valente como Inspetor da Inspetoria “*Maria Assunta*” da África Central..

Nascido em 27 de março de 1952 em Veurne (Bélgica), professou em 8 de setembro de 1973, em Heverlee, onde fizera o noviciado e, em seguida, o curso de filosofia e pedagogia. Partiu depois para a África Central, onde fez o tirocínio. Retornou à Bélgica para os estudos de teologia em Oud-

Heverlee, onde foi ordenado sacerdote.

Retornando à África, esteve empenhado na missão educativa e pastoral em Kicukiro (Kigali), em Gatenga (Ruanda) de onde foi nomeado diretor em 1992. Em 1994 foi feito Delegado Inspetorial para Ruanda e Burundi. Em 1996, depois de um ano como diretor em Kansebula, foi nomeado Vigário do Inspetor, serviço que prestava quando foi nomeado Inspetor.

#### 11. *VON SPEE Meinolf Graf, Inspetor da Alemanha Norte*

Sucede ao P. Georg Demming, depois de nove anos, como Inspetor da Inspetoria "São Bonifácio" com sede em Colônia, Alemanha.

Nascido em 25 de julho de 1959 em Allagen, diocese de Paderborn, professou em 15 de agosto de 1983 em Jünkerath, onde fizera o noviciado. Após os estudos filosóficos e o tirocínio, foi enviado à Universidade Pontifícia Salesiana de Roma para os estudos teológicos (1986-1991). Recebeu a or-

denação sacerdotal em Benediktbeuern em 24 de junho de 1990.

Após a ordenação esteve empenhado na missão educativa e pastoral na casa de Jünkerath (1991-1992) e, em seguida, na grande obra de Essen (1992-1997). Em 1999 fora nomeado Vigário do Inspetor.

### 5.6 Novo Bispo Salesiano

*Dom Bruno PEDRON, Bispo Coadjutor de Jardim (Brasil)*

O *Osservatore Romano* publicava em 25 de março de 1990 a notícia da nomeação pelo Papa João Paulo II do nosso irmão salesiano P. Bruno PEDRON como *Bispo Coadjutor da Diocese de JARDIM*, no Brasil.

O P. Bruno Pedron era atualmente pároco de Santa Teresinha do Menino Jesus de Rondonópolis, Mato Grosso. Nascido em 3 de junho de 1944, em Torreglia, província de Pádua, Itália, é salesiano desde 16 de agosto de 1963, quando fez a primeira profis-

são religiosa em Albarè di Costermano (VR), onde fez o noviciado. Após a profissão partiu para o Brasil, destinado à Inspetoria Missionária do Mato Grosso, onde fez os estudos filosóficos e o tirocínio, emitindo a profissão perpétua em 1969. Retornou à Itália para os estudos teológicos em Verona-Saval, na Inspetoria de origem. Foi ordenado presbítero em Torreglia no dia 6 de abril de 1974. Completou seus estudos com a licença em Filosofia e Pedagogia e a habilitação ao magistério.

Retornando à Inspetoria do Mato Grosso, foi formador no seminário menor de Coxipó da Ponte (Cuiabá); diretor da missão indígena de Meruri, entre os Bororos (1979-1982); diretor da casa de Campo Grande – São Vicente (1987-1993) e diretor das Faculdades de Direito e Economia em Campo Grande; Conselheiro Inspetorial (1988-1991); diretor do “Complexo Salesiano” de Lins. Foi o fundador e pároco da presença salesiana de Rondonópolis.

**5.7 Estatísticas do pessoal salesiano em 31.12.1998****ESTATÍSTICAS S.D.B. 31/12/98 - DADOS GLOBAIS**

Insp.	Total 1997	Professos Temporários				Professos Perpétuos				Total professos	Noviços	Total 1998
		L	S	D	P	L	S	D	P			
AET *	0	8	30	0	0	11	3	0	25	77	11	88
AFC	240	13	58	0	0	35	7	0	119	232	19	251
AFE	150	3	40	0	0	19	5	0	83	150	8	158
AFM	69	4	2	0	0	7	1	0	50	64	0	64
AFO *	0	4	11	0	0	17	4	0	72	108	5	113
ATE *	0	2	14	0	0	12	7	0	53	88	6	94
ANT	181	4	44	0	0	13	7	0	108	176	14	190
ABA	157	2	2	0	0	13	6	0	123	146	3	149
ABB	140	4	10	0	0	15	5	0	102	136	2	138
ACO	151	3	20	0	0	13	8	0	100	144	5	149
ALP	109	9	10	0	0	11	4	0	71	105	2	107
ARO	142	6	19	0	0	13	6	0	86	130	7	137
AUL	126	1	12	0	0	18	3	0	87	121	11	132
AUS	121	1	5	0	0	11	3	1	89	110	0	110
BEN	221	0	7	0	0	24	4	0	177	212	1	213
BES	100	4	4	0	0	10	2	0	73	93	0	93
BOL	163	8	44	0	0	13	6	0	82	153	0	153
BBH	154	4	14	0	0	23	1	0	107	149	4	153
BCG	146	5	13	0	0	23	8	0	93	142	9	151
BMA	124	2	22	0	0	17	2	0	79	122	6	128
BPA	116	0	10	0	0	9	8	0	78	105	7	112
BRE	99	1	24	0	0	14	1	0	54	94	10	104
BSP	228	2	36	0	0	33	6	0	145	222	1	223
CAM	243	12	24	0	0	28	7	0	153	224	9	233
CAN	38	0	0	0	0	5	2	0	30	37	0	37
CEP	199	4	19	0	0	11	5	1	155	195	3	198
CIL	247	4	28	0	0	18	19	0	164	233	9	242
CIN	136	1	5	0	0	34	1	1	91	133	3	136
COB	165	4	14	0	0	26	4	0	110	158	6	164
COM	164	3	27	0	1	19	7	0	102	159	8	167
CRO	83	1	8	0	0	4	1	0	69	83	0	83
ECU	235	6	30	0	0	22	10	0	156	224	0	224
EST	138	0	61	0	1	2	6	0	70	140	15	155
FIN	201	6	28	0	0	18	8	0	134	194	5	199
FIS	225	2	21	0	0	9	4	0	58	94	4	98
FLY	147	0	3	0	0	29	3	0	105	140	0	140
FPA	205	0	3	0	0	25	0	0	143	171	0	171
GBR	130	1	6	0	0	13	0	0	104	124	3	127
GEK	178	7	14	0	0	33	4	0	117	175	2	177

## 92 ATOS DO CONSELHO GERAL

Insp.	Total 1997	Professos Temporários				Professos Perpétuos				Total professos	Noviços	Total 1998
		L	S	D	P	L	S	D	P			
GEM	275	7	5	0	0	59	7	0	191	269	2	271
GIA	149	2	16	0	0	20	9	0	95	142	3	145
HAI	66	4	25	0	0	1	5	0	28	63	3	66
INB	257	4	49	0	0	20	27	0	152	252	11	263
INC	251	5	69	0	0	21	11	0	140	246	8	254
IND	215	5	58	0	0	6	15	0	122	206	12	218
ING	344	8	88	0	0	25	27	0	176	324	22	346
INH	154	4	57	0	0	4	10	0	74	149	16	165
INK	275	8	83	0	0	7	17	0	150	265	18	283
INM	458	9	120	0	0	27	52	0	235	443	32	475
INN	114	0	37	0	0	13	6	0	52	108	8	116
IRL	111	1	5	0	0	7	4	0	92	109	1	110
IAD	165	0	20	0	0	20	3	0	87	130	8	138
ICP	793	6	42	0	0	203	7	1	502	761	7	768
ILE	444	3	30	0	0	61	10	0	313	417	5	422
ILT	214	2	14	0	0	31	6	1	141	195	2	197
IME	309	1	24	0	0	40	6	0	233	304	3	307
IRO	296	0	6	0	0	65	5	2	214	292	0	292
ISA	69	0	1	0	0	5	2	0	58	66	1	67
ISI	303	1	7	0	0	28	6	1	252	295	4	299
IVE	286	1	32	0	0	49	8	1	188	279	8	287
IVO	219	3	4	0	0	44	1	0	157	209	3	212
ITM*	0	8	66	0	0	7	3	1	81	116	19	135
KOR	93	5	24	0	0	16	7	0	40	92	9	101
MDG	70	2	21	0	0	8	4	0	35	70	2	72
MEG	233	5	56	0	0	11	11	0	133	216	14	230
MEM	205	3	45	0	0	14	9	0	104	175	9	184
MOR	167	1	10	0	1	19	3	0	86	120	1	121
OLA	78	0	3	0	0	19	0	1	48	71	0	71
PAR	108	5	20	0	0	6	5	0	66	102	5	107
PER	194	9	49	0	0	12	6	0	108	184	9	193
PLE	370	3	89	0	0	15	16	0	212	335	11	346
PLN	328	5	65	0	0	11	18	0	211	310	15	325
PLO	241	1	28	0	0	3	9	0	192	233	4	237
PLS	256	2	36	0	0	11	20	0	174	243	6	249
POR	198	3	21	0	0	44	11	1	113	193	2	195
SLK	250	10	72	0	1	11	17	0	127	238	18	256
SLO	140	1	10	0	0	12	6	0	106	135	0	135
SBA	232	0	3	0	0	39	4	1	160	207	2	209
SBI	248	2	10	0	1	50	19	0	136	218	1	219
SCO	153	1	19	0	0	5	3	2	96	126	0	126
SLE	245	2	5	0	0	68	5	0	144	224	3	227
SMA	391	2	18	0	0	93	18	0	218	349	2	351
SSE	184	1	20	0	0	25	12	0	114	172	5	177

Insp.	Total 1997	Professos Temporários				Professos Perpétuos				Total professos	Noviços	Total 1998
		L	S	D	P	L	S	D	P			
SVA	203	3	14	0	0	30	8	0	123	178	5	183
SUE	212	1	11	0	0	43	3	0	158	216	2	218
SUO	123	2	15	0	0	24	3	0	75	119	0	119
THA	95	2	9	0	0	14	2	0	59	86	3	89
UNG	72	4	9	0	0	4	2	0	45	64	0	64
URU	133	1	20	0	0	7	4	0	96	128	0	128
VEN	256	6	43	0	1	18	10	1	167	246	13	259
VIE	165	15	48	0	0	17	28	0	49	157	12	169
ZMB	65	1	15	0	0	5	3	0	38	62	0	62
UPS	134	0	1	0	0	11	0	0	118	130	0	130
RMG	83	0	0	0	0	15	0	0	69	84	0	84
<b>Total</b>	<b>17363</b>	<b>321</b>	<b>2409</b>	<b>0</b>	<b>6</b>	<b>2113</b>	<b>701</b>	<b>16</b>	<b>11120</b>	<b>16686</b>	<b>547</b>	<b>17233</b>
<b>Bispos</b>	<b>97</b>									<b>98</b>		<b>98</b>
<b>Total</b>	<b>17460</b>	<b>321</b>	<b>2409</b>	<b>0</b>	<b>6</b>	<b>2113</b>	<b>701</b>	<b>16</b>	<b>11120</b>	<b>16784</b>	<b>547</b>	<b>17331</b>

*Nota:* Em 1998 foram constituídas as novas Circunscrições AET, AFO, ATE, ITM (assinaladas com \*), que resultavam, portanto, sem pessoal no início de 1998. A constituição das novas Circunscrições influi nas variações que se notam nas Inspetorias que cederam suas presenças. Notam-se também outras variações devidas a intercâmbios entre as Inspetorias.

## 5.8 Irmãos falecidos (1999 - 1º elenco)

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (*Const.* 94).

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
<b>P ANTONINI Alfonso</b>	Roma	03-03-99	77	IRO
<b>L ARANDA MOHEDANO</b> Tomás	Sevilha	29-01-99	88	SSE
<b>P BAGINSKI Tadeusz</b>	Belém	03-04-99	80	BMA
<b>L BARDZINSKI Franciszek</b>	Kopiec	09-03-99	85	PLO
<b>P BEER Leonardo</b>	Lugano (Suíça)	10-03-99	93	ILE
<b>P BONOMO Innocenzo</b>	Catania	13-01-99	83	ISI
<b>P BOUQUET Claudius</b>	Toulon	23-01-99	84	FLY
<b>L CALEGARI Giovanni</b>	Civitanova Marche	13-01-99	91	IAD
<b>P CHANGEAT Henry</b>	Hong Kong	31-01-99	86	CIN
<b>P CLEMENTI Innocente</b>	Stony Point, NY	19-02-99	78	SUE
<b>P CORREA Gonzalo</b>	Filadélfia (USA)	20-03-99	86	CIL
<b>P de la FUENTE Teodosio</b>	León	13-02-99	83	SLE
<b>P DELL'ANGELA Stefano</b> <i>Foi Inspetor por seis anos</i>	Tóquio	31-01-99	78	GIA
<b>P DVORÁK Antonio</b> <i>Foi Inspetor por 20 anos</i>	Moravské Budejovice	20-02-99	91	CEP
<b>P FAGIOLO Giovanni</b>	Roma	02-02-99	85	IRO
<b>P FARINA Pietro</b>	Barcelona (ME)	07-01-99	83	ISI
<b>P FENYŐ Vendel</b>	Roma	25-01-99	72	RMG
<b>P FIRQUET Joseph</b>	Verviers	29-01-99	83	BES
<b>P GABOR Altfried</b>	Kassel	25-03-99	77	GEK
<b>P GALLENCA Mario José</b>	Ferré	08-01-99	72	ARO
<b>L GARCIA TORICES Demetrio</b>	Bilbao	29-11-98	72	SBI
<b>P GARCIA USÚN Casimiro</b>	Logroño	22-01-99	68	SBI
<b>P GERACI Salvatore</b>	Roma	10-02-99	80	IRO
<b>L GIUNINO Vicente</b>	Bahía Blanca	27-01-99	78	ABB
<b>P HAMOR József</b>	Edmonton	13-02-99	84	CAN
<b>P IBAÑEZ GARCIA Cipriano</b>	Moca (R.D.)	26-01-99	72	ANT
<b>P INESTA PEREZ Rafael</b>	Alicante	03-01-99	60	SVA
<b>L JÜNGLING Manfred</b>	Buxheim	02-04-99	70	GEM
<b>P KLEPPE Johannes</b>	Walkraiburg, Baviera	18-02-99	90	GEM
<b>P KRAMER Joze</b>	Trstenik	10-09-98	63	SLO

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
<b>L KRZYSZTOF Jan</b>	Wroclaw	05-02-99	67	PLO
<b>P LUCHELLI Vincenzo</b>	Punta Arenas	22-02-99	87	CIL
<b>P MACCHIONI Riccardo</b>	Nápoles	25-04-98	55	IRO
<b>P MATUTIS Stanislovas</b>	Barranquilla	03-02-98	85	COM
<b>L MICHELENA RODRIGUEZ</b> Artigas	Montevideo	18-02-99	85	URU
<b>P MORENO CASTRILLO</b> Mariano	Campello (Alicante)	02-07-98	75	SVA
<b>P MURICKAL Joseph</b>	Senapati, Manipur	23-02-99	44	IND
<b>P NAKAGAKI Yohane Bosco</b>	Kamakura (Kamagawa)	02-01-99	69	GIA
<b>P NEMETH András</b>	Santo Domingo	04-03-99	83	ANT
<b>P PANAMTHANATH Joseph</b>	Bombaim	08-03-99	50	ING
<b>P PAROLINI Gino</b>	Arese (MI)	09-03-99	82	ILE
<b>P PEREGO Giovanni</b>	Shindenbaru (Fukuoka)	05-12-98	86	GIA
<b>P RASSIGA Mario</b>	Hong Kong	02-01-99	94	CIN
<b>P REMY Louis</b>	Montpellier	26-01-99	84	FLY
<b>P REPICH Tadeusz</b>	Lublin	23-07-98	89	PLS
<b>P RODRIGUES Cristiano</b>	S. Vicente (Cabo Verde)	17-01-99	68	POR
<b>P ROTAPietro</b>	Turim	30-03-99	73	ICP
<b>P SAILERFriedrich</b>	Vöcklabruck	21-12-98	73	AUS
<b>P SAIZASTURIAS Leandro</b>	Barcelona	07-01-99	78	SMA
<b>L SAVINO Antonio</b>	Roma	31-03-99	92	IRO
<b>P SCHNEIDER Alfons</b>	Würzburg, Baviera	25-02-99	84	GEM
<b>L SILVANicolau</b>	Goiânia	15-11-98	73	BBH
<b>P SZÉLIGA Andrés Vicente</b>	Alta Gracia (Córdoba)	23-12-98	79	ACO
<b>P TALLER Tullio</b>	Bolzano	05-02-99	84	IVO
<b>L THEVARUPARAMPIL</b> Zachary	Madras	20-11-98	71	INM
<b>P TOTI Andrea</b>	Lugano (Suíça)	26-02-99	81	ILE
<i>Foi Inspetor por seis anos</i>				
<b>P TRNČÁK Vojciech</b>	Santiago do Chile	26-01-99	83	CIL
<b>L VIALE Edoardo</b>	Varazze (SV)	21-03-99	70	ILT
<b>P VIDIC Janez</b>	Sentrupert	16-09-98	62	SLO
<b>P ZOMPICCHIATTI Oreste</b>	Udine	17-01-99	85	IVE
<b>L ZUCCA Giuseppe</b>	Pinerolo (TO)	04-04-99	91	ICP

